

COLEÇÃO HÁ CASOS

MARIA JOSÉ SILVEIRA

UMA CIDADE DE CARNE E OSSO

CASOS DO INTERIOR



ILUSTRADO POR
MARIA EUGÊNIA

 FTD

MARIA JOSÉ SILVEIRA

**UMA CIDADE DE
CARNE E OSSO**

CASOS DO INTERIOR

ILUSTRADO POR
MARIA EUGÊNIA

COLEÇÃO ORGANIZADA POR
HELOISA PRIETO



São Paulo – 2004

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Heloisa Prieto, pelo convite para participar desta divertida coleção. E também a Dulce, Heloísa, Marizete, Mirian, tia Tereza, tia Sina e Galiana, minha mãe, por me recontarem tantos velhos casos, entre rodadas de café e biscoitos de queijo saindo do forno. Agradeço ainda a Lucia, Flavio e Felipe, pelos valiosos comentários e sugestões.

Quero esclarecer também que o conto "Tereza Bicuda" faz parte da tradição oral de Jaraguá, cidade do sul de Goiás. Assim como alguns trechos que incorporei a outros contos – o velho que adultera o leite e as esporas que ressoam pelo assoalho de uma casa à noite, por exemplo. O mais importante, no entanto – como digo no prefácio – é saber que os outros contos, mesmo os que de certa forma nasceram da minha imaginação, ou seja, os que nunca foram contados antes – como "O namorado de Lúcifer", "O Velho Bagual", "O nome do Rio das Almas", "A Fazenda das Três Vaus", "O dono do velho cinema", "A sina da ignorância" – têm todos origem no mesmo imaginário e nas tradições da cidade onde nasci e passei minhas férias de menina.

Aos pés de uma linda serra verde-esmeralda.

*Para os 49 netos de dona Diva,
seus 96 bisnetos, 16 trinetos
e os que hão de vir.*

Sumário

APRESENTAÇÃO

VOZES DE SABEDORIA 11

PEQUENÍSSIMO PREFÁCIO 13

INTRODUÇÃO

A CIDADE 15

TEREZA BICUDA 19

O CASO DA MÃOZINHA-PRETA 26

A FAZENDA DAS TRÊS VAUS 29

A VERDADEIRA HISTÓRIA DA MULHER DO PADRE..... 38

A RENDA NEGRA DO CIÚME 44

O NAMORADO DE LÚCIFER 48

O DONO DO VELHO CINEMA 55

UM CASO DE HERANÇA E CASAMENTO 60

A SINA DA IGNORÂNCIA 67

O NOME DO RIO DAS ALMAS..... 72

O VELHO BAGUAL..... 76

O JUIZ E A RODA DE COMUNISTAS 83

A BANDA DE MÚSICA E SUA PADROEIRA..... 88

VIDA DE MÉDICO JOVEM 93

O QUE ACONTECEU NA CASA DA SUA AVÓ..... 98

O FINAL 106

“O passado não volta, nem os mortos deixam suas covas para contar estórias aos vivos.”

Cora Coralina – “Lembranças de Aninha”

VOZES DE SABEDORIA

Existe um tipo de contador de história que é fácil de identificar: aquele sujeito que fala pelos cotovelos, que se gaba de ter rodado o mundo e enfrentado tudo quanto é perigo que se pode imaginar. Se antigamente essas figuras ficavam restritas aos portos e estações de trem, hoje em dia se pode vê-los em aeroportos, seja na pele de executivos, empresários, viajantes de toda espécie, é fácil encontrá-los contando casos assombrosos antes da decolagem do avião, ou num ônibus que para na estrada, loucos por uma plateia e uma conversa fiada.

Mas há uma outra categoria especial de contador de história, aquela pessoa que nunca sai de sua cidade, ou melhor, de seu bairro, quem dirá de sua rua, como certas senhoras simpáticas, vestidinho florido, ar distraído e um trabalho manual descansando no colo.

Quem se depara com uma dessas figurinhas queridas nem sequer suspeita a quantidade de sabedoria que se acumula depois de anos observando e ouvindo conversas e casos das pessoas que passam por elas e nem sequer as enxergam.

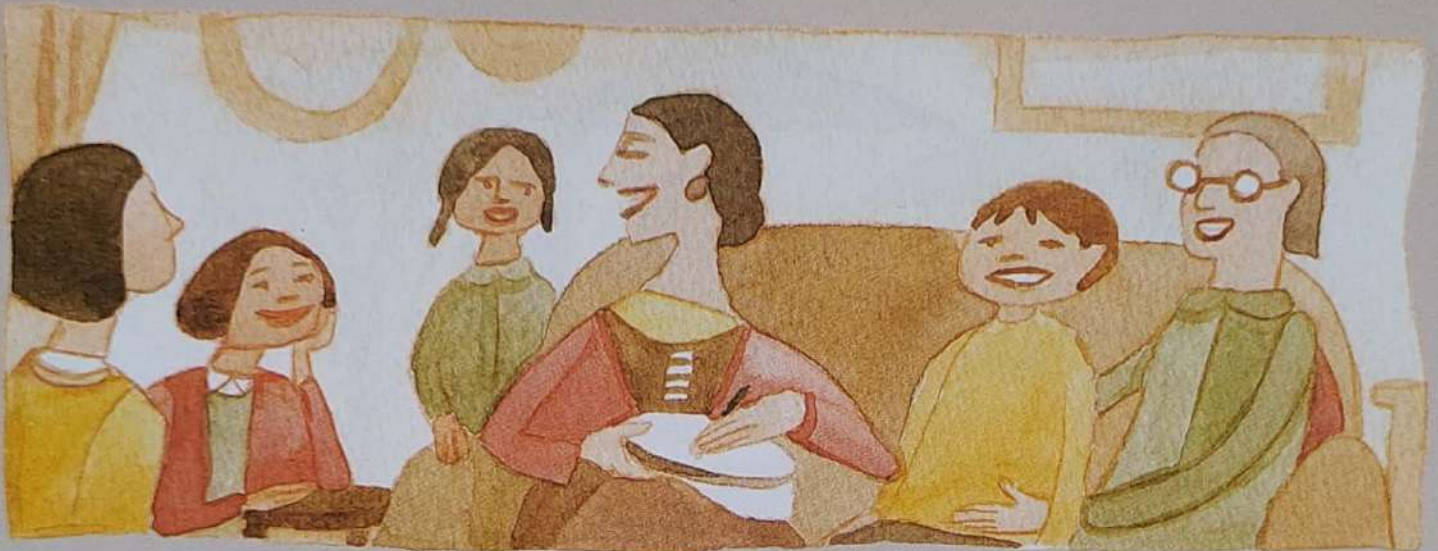
Nem sempre essas senhoras têm quem as escute. Mas basta um dedinho de prosa para descobrir como são capazes de ati-

nar os segredos mais profundos, contar os casos mais extraordinários, dominando com habilidade a arte de encantar, divertir e assustar ao mesmo tempo.

São essas vozes cheias de sabedoria, tão brasileiras e muitas vezes anônimas que o texto saboroso de Maria José Silveira faz questão de homenagear. Narradora cheia de doçura e esperteza, ela abre a roda com o misterioso caso da "Tereza Bicuda" e alinhava nossa curiosidade prosseguindo com as loucas peripécias que aconteciam na fazenda das Três Vaus: a Vaudínia, a Vaudocy e a Vaudemila, uma surda, uma cega, outra muda. Ponto a ponto, Maria José prende nossa atenção pela força sutil de sua narrativa, que alterna momentos absolutamente singelos com um humor negro próprio de quem aceita "a vida como ela é". Surge então um texto que exala o perfume saboroso do doce de coco, encanta como um bordado e intriga como aquela velha história de terror tão bonita de tão triste, capaz de fazer com que nossa pobre imaginação de gente moderna "saia desta para uma bem melhor".

Heloisa Prieto

PEQUENÍSSIMO PREFÁCIO



As histórias deste livro foram beber em águas que costumam correr ao lado uma da outra, bem juntas, misturando-se muitas vezes: a imaginação e a memória.

Quando criança, minha família costumava passar as férias em uma cidade exatamente como esta que descrevo aqui. Foram nessas férias inesquecíveis que escutei vários destes casos, aos pedaços ou inteiros, sentada aos pés da bonita cadeira de descanso da minha avó, ou na rede de alguma tia, acotovelada ao lado de primas, primos e irmãos.

Para escrever este livro, portanto, só tive que deixar o pensamento voltar no tempo, aos momentos deliciosos da infância no interior.

Com enorme prazer fui lembrando, imaginando e juntando velhos casos com outros novos, emendando uma coisa na outra, tirando daqui, exagerando dali, mudando isso, deixando aquilo, recriando e inventando. Inventando muito. Contando um conto e aumentando não só um ponto, como diz o ditado, mas vários.

Poucas vezes me diverti tanto ao escrever histórias.

Só espero agora divertir vocês.





INTRODUÇÃO: A CIDADE



As cidades de interior se parecem muito e os casos que vou contar poderiam ser contados em qualquer uma das inúmeras cidadezinhas dessa imensidão de país que é o nosso. Poderia ser no interior de São Paulo, Mato Grosso, interior de Minas, Bahia, Espírito Santo.

Mas, no caso, é no interior de Goiás.

Em uma cidade de carne e osso, isto é, de casa e rua, cercada por uma serra coberta de árvores de cor verde-escura, esmeralda.

Sua história começa no Ciclo do Ouro, quando ali chegaram os desbravadores e acharam ouro e prata nos cascalhos dos córregos e riachos de águas claras das redondezas.

Houve um momento de riqueza e crescimento, que não durou muito porque o ouro não era tanto assim e um dia acabou.

As pessoas que tinham se estabelecido ali já gostavam do lugar e resolveram ficar. Começaram a criar gado e montar fazendas, plantando roçados de milho, arroz, cana-de-açúcar. O gado foi se espalhando. Começaram a produzir queijo e manteiga, rapadura, a beneficiar arroz.

A cidade cresceu junto com o gado e as fazendas. O tempo passou e muitas coisas aconteceram.

Coisas que foram ficando na memória das pessoas.

Para quem vinha da capital, o jeito melhor de entrar na cidade era pela rua que passava pelo colégio e pela fábrica de manteiga, continuava em frente e ia dar na Igreja do Rosário, a mais antiga da cidade. Virando à direita, logo depois da farmácia, entrava-se na rua principal. Numa das pontas, ainda tem a praça com sua igreja velha, e mais adiante, no largo, a igreja nova. Um pouquinho mais pra frente, o cemitério. Seguindo para a outra ponta, a rua passava pelo velho cinema e acabava na porta da fazenda que vai até o pé da serra.

Paralela à rua principal, a Rua Direita, corria a Rua de Trás, a rua mal-afamada das prostitutas. Na saída, um moinho de beneficiar arroz.

Essas eram as ruas mais importantes da cidade, numa época em que o tempo pareceu parar por muitos anos.

Estes casos são desse tempo que parecia parado.

Nas ruas tranquilas, as casas ficavam o dia todo de portas e janelas abertas, as crianças brincavam nos quintais cheios de árvores e de bichos.

Carros de boi passavam, com sua toada, vagarosos. Passavam os vaqueiros trotando em seus cavalos e, vez ou outra, uma boia-

da grande, bonita, levantando poeira nas ruas e deixando uma fileira de bosta fedida atrás.

À noitinha, o povo fugia do calor do interior das casas e es-
pairecia um pouco, sentado na calçada de pedras brancas, con-
versando e comentando os acontecimentos, o tempo, os casos.

Casos do dia a dia, de fofocas políticas, jogos, brigas, assom-
bração, coisas inexplicáveis. Ou simples novidades como a de
hoje, você ficou sabendo?

Fiquei. A neta de dona Hilária está escrevendo um livro so-
bre os casos da cidade.

Pois é. Está escrevendo e diz que vai contar tudo. Tudo mesmo.

Nossa Senhora! Será?!

Será que vai contar o que aconteceu na casa da vó dela?

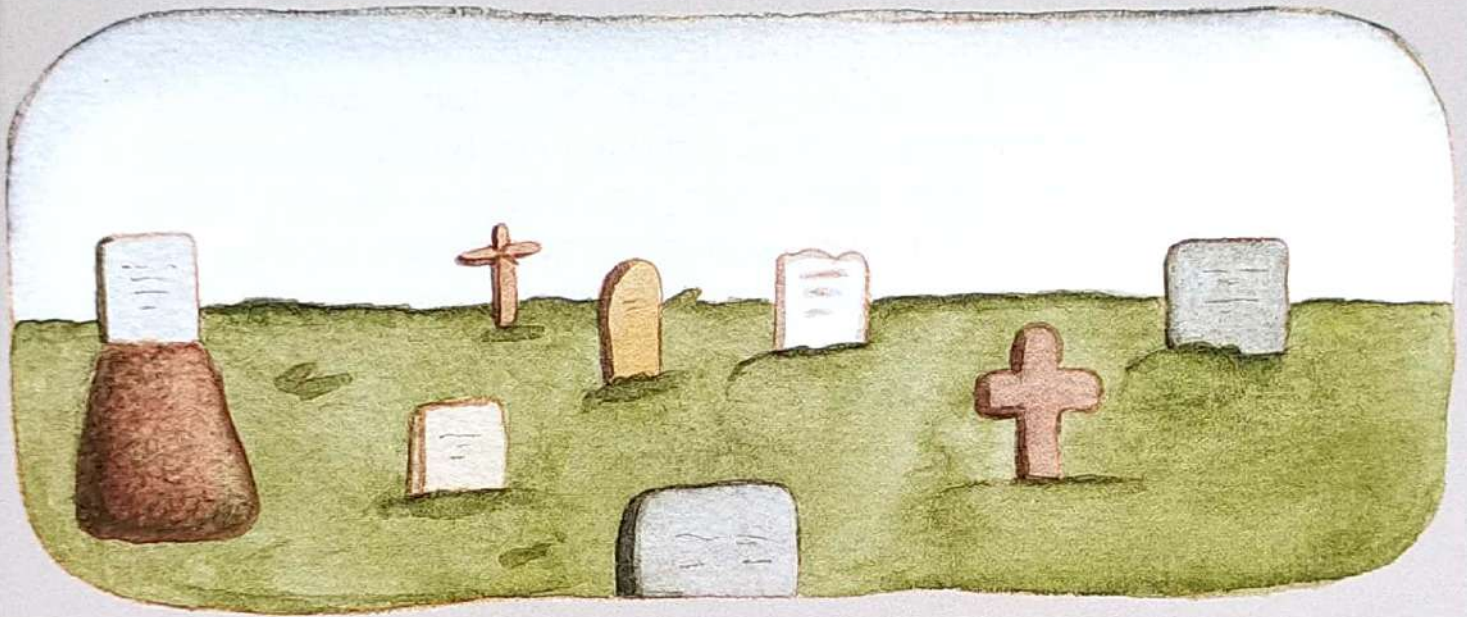
É capaz. Dona Cianinha está contando os casos antigos pra
ela, e aquela velhinha sabe tudo que já aconteceu nessa cidade,
se lembra de tudo, com todos os detalhes.

E lá está Dona Cianinha, sentada na cadeira preferida, na cal-
çada em frente a sua casa. Vai puxando pela memória e contan-
do com gosto muitos casos e histórias.

É fim de tarde, um ventinho manso sopra devagar trazendo
o frescor do começo da noite.

Vamos lá escutar?

TEREZA BICUDA



A história de Tereza Bicuda eu mesma não presenciei nem conheço ninguém que tenha presenciado, pois Tereza viveu muito tempo atrás, num tempo bem antigo. O que sei é de ouvir contar, mas o João Fonseca dali da venda, sabe quem é? O filho de Safira? Pois ele, sim, já viu com os próprios olhos a ventania assombrada de Tereza Bicuda com seus marimbondos e abelhas zangadas. Por conta disso passou três dias de cama.

Mas isso foi pouco tempo atrás, ela já morta.

Ela viva, ninguém daqui conheceu.

Do tempo em que ela vivia, o que todo mundo sabe é que Tereza Bicuda era uma mulher muito ruim, um poço de maldades, pode-se dizer. Fazia maldades com o pai, com a mãe, com o marido, que a escorraçou de casa.

Fazia maldades até com as amigas.

Pois não teve inclusive aquela vez? Que ela saiu com a comadre dela e foram comprar uns panos para fazer um vestido? Porque isso também é coisa que todo mundo sabe, e é verdade: Tereza Bicuda era vaidosa demais. Era rica e vaidosa e invejosa, porque inveja é o veneno peçonhento que está por baixo de mui-



ta maldade, quase todo mundo que é mau é mau porque é invejoso, quer o que o outro tem e ele não.

Essa comadre de Tereza Bicuda era muito bonita, cem léguas mais bonita que Tereza, que era muito feia, todo mundo achava. Mas ninguém dizia, porque ninguém era besta de provocar a fera e, se fosse dizer que a outra era bonita e ela não, capaz que a raiva dela seria tanta que ia sobrar também pra quem apenas tinha dado sua opinião. De maneiras que todo mundo ficava quieto no seu canto, tranquilo.

A loja de que estou falando era aquela ali da esquina, só que o dono era outro, novo na cidade, pois isso foi no tempo que a loja era um armazém que vendia de tudo: querosene, vela, panela, bota, alparcata, mantimentos, açúcar, rapadura, sela, cabresto, arreio, lamparina, tudo que você quisesse tinha lá. Tecido também.

Tereza chegou com a amiga e começaram a escolher uns panos. E Tereza era assim, se gostasse de um tecido, comprava a peça toda, que era pra ninguém mais ter como vestir um vestido igual ao dela.

A amiga foi e gostou de um tecido estampado, uma estampa miudinha, bem graciosa. Pôs ele assim no corpo, como quem está tentando ver como é que o vestido vai ficar depois de pronto, girando o corpo para um lado e para o outro, e o dono da loja muito gentil e bom vendedor só olhando e falando:

– Que bonito! A senhora fica um primor! Essa cor de pano parece que foi feita pra realçar sua beleza.

Elogiando e elogiando, no papel dele de vendedor.

Mal Tereza viu aquilo, ficou tinindo de raiva.

Na mesma hora, foi lá e tomou o pano da mão da amiga e fez a mesma coisa que viu a amiga fazer, como se estivesse modelando o vestido no próprio corpo, olhando o dono da loja e esperando os elogios.

Pobre coitado!

Ele era uma pessoa muito gentil, mas, como vendedor, tinha uma limitação: não sabia o jeito de enganar freguês e só elogia-

va, na verdade, quando achava motivos pra isso. Tampouco conhecia Tereza Bicuda nem a fama que tinha. E querendo vender a mercadoria, como qualquer dono de loja que, pra não falir, precisa vender seja pra quem for, ele até que procurou nela uma coisa qualquer para elogiar, que fosse pelo menos sofrível e desse pra exagerar e dizer, mesmo sem ênfase, que era bonitinho.

Mas quem disse que achou?

Tereza era feia que nem a peste. Não era à toa que seu apelido era Bicuda porque tinha um beijo que parecia o bico caído de quem está muito enfezado, uns olhos esbugalhados e miudinhos, meio apertados um contra o outro, e umas sobancelhas que eram mata cerrada, emendando uma na outra e subindo pela testa, querendo se juntar aos cabelos.

Era medonha mesmo!

De corpo, então, nem se fala! Não é que ela fosse corcunda, mas andava de um jeito que parecia que era, os ombros jogados pra frente, as pernas tortas e finas, e as cadeiras puxadas meio prum lado, sei lá como conseguia, mas quando andava era assim, ó, esquisito demais, difícil de imitar.

Pois o dono da loja, que como vendedor tinha esse grande defeito de não saber enganar freguês, bem que passou um tempo olhando aquela mulher ali na sua frente, procurando, coitado, qualquer coisa que pudesse fazer sua imaginação voar e inventar algo bom pra dizer a respeito, mas não achou nada, nadinha. Já suando frio, constrangido consigo mesmo e sua incompetência como dono de loja, acabou fingindo, sem graça, que tinha que ir depressa atender outro freguês que, com o auxílio divino – que esse, sim, nunca lhe falhava –, acabara de entrar na loja.

Mas vocês acham que Tereza perdoou a comadre?

Nem por um minuto. Saiu bufando dali, que nem onça botando fogo pelas duas ventas.

No dia seguinte, coincidência ou não, a amiga amanheceu roxa e mortinha.

Claro que ninguém teve como provar nada, porque essa Tereza também era cheia de espertezas e sabia de todos os jeitos

tos de fazer maldades, de todos os venenos que ninguém mais conhecia. Nunca se conseguiu provar coisa alguma contra ela.

Mas que era curioso, era; ou apenas coincidência, vá lá saber.

Todos os inimigos de Tereza Bicuda morriam de um mesmo tipo de morte: estavam vendendo saúde num dia e, no outro, amanheciam mortinhos da silva, roxos que nem o manto da Paixão de Jesus Cristo. E ninguém nunca sabia como. Também, naquele tempo nem médico tinha por aqui, e os delegados sempre foram, sei não!, vira essa boca pra lá, que falar mal de delegado traz má sorte.

Seja como for, a vida de Tereza Bicuda era assim. É o que todo mundo conta.

Agora, tinha uma coisa que Tereza amava, pois todo mundo tem. Por pior que seja uma criatura, ela sempre tem um ponto fraco, alguma coisa talvez um pouco perdida, mas que está lá no fundo, escondida em algum canto. Alguma coisa que a faz parecer, por alguns momentos, uma pessoa comum, alguém capaz de algum tipo de emoção boa.

E essa coisa, para Tereza, era a serra.

Ela adorava subir a serra e ficar por lá. Às vezes ficava dias lá em cima, sabe Deus onde!, e voltava carregada de cajus e mangabas e essa era a única coisa boa que Tereza fazia na vida: dava as frutas, cada uma mais bonita que a outra, maduras, sumarentas, polpudas, docíssimas, para quem encontrasse no seu caminho aquele dia.

Quem ganhava essas frutas de Tereza dizia que jamais tinha comido nada igual.

E assim a vida foi passando, no passo que a vida tem, até que chegou o dia de Tereza morrer e ela morreu, como todo mundo um dia acaba morrendo, não importa o mal nem o bem que tenha feito na vida. Morreu cheia de pecados, mas morreu. E foi enterrada do lado de fora da igreja.

Naquele tempo, os ricos eram enterrados no chão santo, dentro da igreja, e os pobres no chão de fora.

Tereza era rica, todo mundo sabia, mas como era também muito má e pecadora, e fazia questão de não pôr os pés na igreja, em nenhuma das três igrejas da cidade, nunca pôs os pés em nenhuma delas, o padre nem precisou pensar duas vezes para decidir que ela não merecia ser enterrada dentro de um lugar onde sequer entrava em vida.

Mandou enterrá-la do lado de fora, num local bem afastado, um local onde só se enterravam os criminosos reconhecidos, mortos sem extrema-unção.

Ninguém se lembrou de uma coisa que ela sempre dizia: que quando morresse queria ser enterrada na serra.

Ninguém se lembrou, e mesmo se tivesse lembrado, não teria falado porque ninguém gostava dela e não ia de jeito nenhum se dar ao trabalho de pensar em atender seu último pedido, ia?

Só que teria sido melhor se tivessem se dado ao trabalho, porque foi então que o furdunço começou.

Começou num dia que o coveiro estava cavando uma cova perto de onde Tereza Bicuda foi enterrada. Ele estava cavando lá, tranquilo, como sempre tinha sido seu jeito de cavar, quando ouviu uma voz meio tremida, meio irritada, meio pedinte, e totalmente macabra, totalmente horrorosa:

– Mané Coveiroooooo, meee tiree daquiii!

Ele, que era coveiro desde menino, desde pequenino trabalhando ao lado do pai também coveiro, estava acostumado demais com tudo aquilo, e não tinha medo de nada, nada mesmo – aliás, mintto! Mané Coveiro tinha um medo danado de uma coisa, mas era de uma coisa só, e não tinha nada a ver com defunto nem alma penada, mas isso já é outro caso que, se vocês quiserem, conto depois.

Naquele dia, no entanto, Mané Coveiro ficou intrigado com aquilo.

– Vaia! O que vem a ser isso agora!

E a voz tremida e horrorosa tornava a gritar:

– Mané Coveiroooooo, meee tiree daquiii!

Aquela gritaria toda não parava, e ele, que era coveiro mas não era besta, resolveu sair de perto. Deu por encerrado seu dia de trabalho, fechou o cemitério e foi pra casa descansar a cabeça.

Quando a noite daquele dia caiu, de repente deu uma ventania pavorosa, dessas de derrubar árvore e até casa mal construída ou muito velha, e o povo todo também escutou uns gritos na rua, gritos horríveis, de presságio e anúncio de coisa ruim.

A noite inteira assim, uma noite horrorosa que custou a passar e não deixou ninguém da cidade dormir.

Na manhã seguinte, quando o coveiro foi ver, lá estava o caixão de Tereza Bicuda da banda de fora da sepultura.

Mané Coveiro matutou um pouco mas fez que não tinha percebido nada, que aquilo era muito normal, e enterrou o caixão de novo, no mesmo local.

Aí, de noite, aconteceu tudo outra vez, do mesmo jeitinho: a mesma ventania de dar medo, os mesmos gritos na rua, e todo mundo sem poder dormir, com pavor de algo terrível acontecer.

Na manhã seguinte, de novo o caixão da banda de fora do buraco da cova.

E Mané Coveiro, outra vez, fez que não estava nem aí, como se estivesse acostumado a ver esse tipo de coisa. Tornou a botar o caixão no seu lugar, do mesmo jeitinho.

E tudo se repetiu, tudo do mesmo jeito, por várias noites.

Foi indo, foi indo, com aquelas noites todas de ventania e gritos e aquela ameaça de algo horrível acontecer, o povo começou a ficar tresnoitado. Mané Coveiro também foi ficando cansado de ter que enterrar de novo aquele trambolho daquele caixão, toda manhã.

Foi então que alguém parece que se lembrou do último desejo da defunta. Será que era isso que queria aquela maldita que não deixava ninguém dormir em paz?

Por via das dúvidas, os homens mais corajosos da cidade resolveram formar um grupo e se dar ao trabalho de atender ao desejo da defunta e levar seu caixão para a serra.

E lá enterraram ela, na beira de um córrego que desde então ficou conhecido como o Córrego de Tereza Bicuda.

Vocês conhecem o lugar?

Não é muito fácil de achar porque fica bem escondido no meio de um mato copado de árvores de tudo quanto é fruta, e até os padres falam que ninguém deve tomar a água desse córrego, que os pecados de Tereza eram demasiados e com essas coisas não se brinca.

Agora, se a paz voltou às noites da cidade, naquele lugar, no entanto, nunca ninguém mais chegou perto. Quem tentou, como aquele rapaz, o João Fonseca, filho de Safira, que é teimoso que só ele, conta que os cajus e mangabas que dão ali são os mais bonitos da serra, os mais doces.

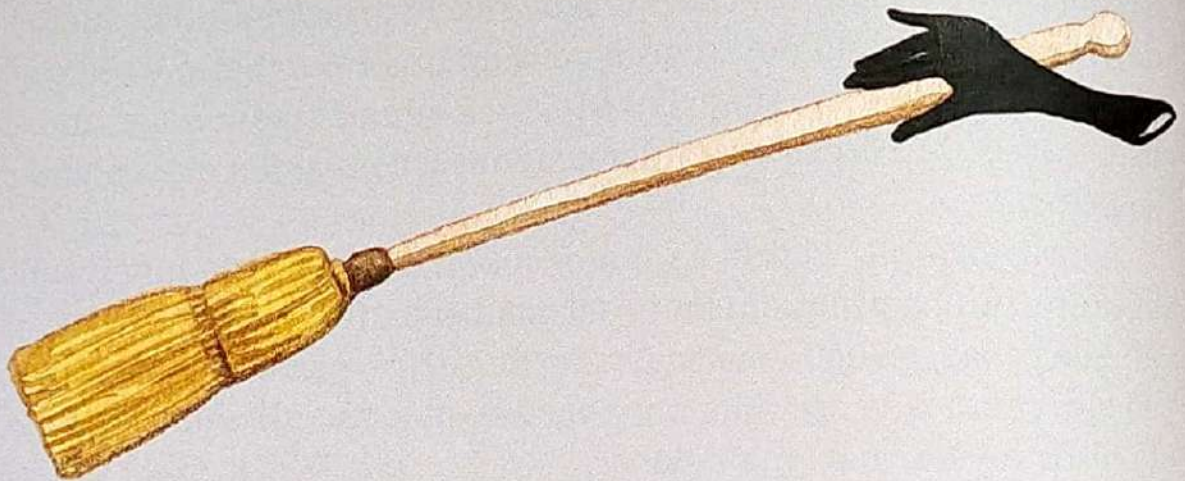
Só que tudo fica lá mesmo, apodrecendo, porque ninguém tem gosto nem coragem de apanhar. Quando alguém mais afoito vai, como esse filho de Safira, não consegue trazer nada. As árvores em volta estão carregadas de caixas pretas de marimbondos e abelhas e faz uma ventania danada no local.

Quem consegue chegar perto, mal começa a se encantar com as frutas e, quando vê, parece que está sendo empurrado morro abaixo e sempre cai de uma queda feia. Volta todo quebrado, roupas rasgadas, chinelas perdidas, cabeça inchada de picada de marimbondo e abelha, e passa é dois, três dias de cama, se recuperando do susto e dos machucados.

O que eu acho que, no final das contas, é muito bem feito por que quem manda mexer com pecador, não é?

Ainda mais pecador defunto.

O CASO DA MÃOZINHA-PRETA



Vocês viram hoje à tarde, aquele redemoinho que deu? Fazia tempo que não dava redemoinho assim.

Eu estava na rua, levando uns biscoitos de queijo pra comadre Mariinha, e quando olhei e vi aquela poeira que começou pequetinha lá no fim da rua e veio girando e aumentando e levantando a terra e rodopiando, aumentando sem parar, ficando cada vez mais vermelha, mais poeirenta... eu pensei: "Nossa! É redemoinho de saci".

Porque não tinha nenhuma ventania nem nada. Só aquela poeirinha crescendo e rodopiando que de repente ficou enorme, com uma força de mil diabos, levando tudo, sem piedade nem dó.

Nem deu tempo pra correr. O redemoinho veio vindo e levou o prato de biscoitos da minha mão e levantou minha saia e meu cabelo e se eu não segurasse com força naquele pau de aroeira que tem na esquina, me levava também.

Eu ainda pensei: "Ah, se Seu Crispim estivesse aqui, era hora dele jogar a peneira e pegar esse diabinho". Bem que eu estava precisando de um saci pra me ajudar em casa, com tanto problema que ando tendo.

Agora, pra falar a verdade, o que eu queria mesmo era uma Mãozinha-Preta, ah! como queria.

Vocês se lembram do Zé Trindade, lá do bar do outro lado do cemitério? Quando a mulher dele, a Don'Ana ainda vivia e tinha uma Mãozinha-Preta?

O bar vivia limpinho que dava gosto! Você chegava lá de manhãzinha e estava tudo trincando de limpo, os copos nos lugares, as mesas e cadeiras arrumadinhas, o chão encerado, brilhando.

Obra da Mãozinha-Preta, que vinha à noite e deixava tudo pronto para o dia seguinte. Ninguém vê a Mãozinha, que só aparece quando os donos dela estão dormindo, e não tem corpo nem cabeça, nem braço nem perna, é só a mãozinha mesmo.

Ninguém vê, mas no dia seguinte amanhece tudo que nem brinco.

Eu daria tudo para ter uma Mãozinha assim pra cuidar da minha casa.

Se bem que tudo, tudo mesmo, não. Porque dizem que se Don'Ana acabou morrendo tão nova como morreu foi por causa do trato que fez pra ter a Mãozinha. Que ela foi definhando, definhando até morrer. E que levou junto a Mãozinha-Preta, escondida no caixão, pra se vingar do marido que andava se engraçando com outra.

Mas, isso, eu não sei.

O que sei é que o bar do Zé Trindade nunca mais foi tão limpo como naquela época. E olha que era um movimento danado naquele bar, o mais cheio da cidade, pois era onde havia o jogo. Era lá que durante muito tempo funcionou o cassino dos fazendeiros. Toda noite aquela jogatina medonha e, no dia seguinte cedinho, parece que nada tinha acontecido à noite.

Nem traço de bagana de cigarro, nem de cheiro de bebida, nenhum copo sujo, nada, tudo varrido, espanado, lavado, esfregado, enxugado. Brilhando.

Mesmo naquela noite que mataram o Tião da Tonha, lá dentro do bar, aquele sangue todo derramado no balcão, aquela su-

jeirada toda de briga e morte. No dia seguinte, o bar estava limpinho, como se nada tivesse acontecido.

Dizem que mataram o Tião por motivos de jogo. Quer dizer, uns dizem isso. Mas outros dizem que na verdade foi morte encomendada. A polícia, pra variar, acabou não investigando muito e o acusado, um forasteiro que estava na mesa de jogo com a arma escondida na cintura, desapareceu. Escafedeu-se, como se diz.

Eu, pra mim, acho que tem cara de morte encomendada mesmo. Ainda mais porque se sabia muito bem que Tião não queria vender seu pedaço de terra e andava brigando com um grileiro muito conhecido por aqui, na época. Grileiro que era amigo do delegado e de outras autoridades.

De maneiras que essa história da morte do Tião nunca ficou bem explicada.

E depois que ele morreu, a pobre da Tonha, com filho pequeno pra cuidar, acabou se vendo obrigada a aceitar a oferta do grileiro e vender sua terrinha. Hoje taí, coitada, trabalhando como doméstica e o menino dela morando de favor na casa dos outros.

Se eu tivesse uma Mãozinha-Preta ou um saci, o que eu ia querer não era só que eles limpassem minha casa, não. Ia querer que me ajudassem a dar um jeito em muita coisa malfeita que anda por aí, muita injustiça. Ah, isso eu ia! Ia devolver a terra pra muita gente poder trabalhar direito. E ia meter muito bandido grileiro na cadeia, e delegado safado, vocês iam ver só.

Mas deixa estar que um dia ainda arrumo um ajudante assim e conserto muita coisa por aí. Deixa estar, que esse dia chega.

A FAZENDA DAS TRÊS VAUS



Agora vou contar a história das irmãs trigêmeas, Vaudívia, Vaudecy, Vaudemila, uma surda, uma cega, a outra muda.

Esses defeitos não eram de nascença. Aos poucos é que foram perdendo, cada uma um sentido, parecia até mau-olhado, coitadas.

Primeiro, ficaram órfãs aos sete anos quando os pais morreram ao atravessar uma pinguela em dia de chuva forte sobre o Rio Vermelho. A pinguela quebrou e os dois foram levados pela correnteza; nunca mais acharam os corpos.

Logo depois é que, primeiro, uma perdeu a audição, depois outra perdeu a voz e, no final, a terceira perdeu a vista.

Esquisito, não? Mas esse mundo é cheio de coisas assim, esquisitas, coisas que não têm explicação.

Eram muito trabalhadeiras, faziam um crochê finíssimo e, com o tempo, já mocinhas, com as economias que conseguiram fazer e a pequena herança dos pais, foram morar numa fazendinha que elas mesmas compraram, bem barato.

Era uma fazenda que ninguém queria porque diziam que o lugar era assombrado. O dono antigo tinha ficado rico de tanto vender leite misturado com água e maltratar seus empregados,



que, pouco a pouco, foram abandonando a fazenda, pois ninguém queria trabalhar com pessoa tão ruim.

Passado um tempo, esse homem morreu e, sem sossego pelo que tinha feito em vida, ficou assombrando a casa.

Quando alguém passava perto, escutava uma gritaria e uma voz tenebrosa dizendo:

– Ai, ai! Como é que aparta o leite da água?

Assustava todo mundo e ninguém tinha coragem suficiente para entrar na casa. A fazenda foi ficando isolada, o mato crescendo, a casa cheia de sujeira, teias de aranhas e ninhos de cobras e lagartixas.

Até o dia que as três irmãs resolveram comprar uma terrinha e saíram procurando.

Passaram por lá e ouviram aqueles gritos, mas não tiveram medo. Quando escutou a voz tenebrosa perguntando: “Ai, ai! Como é que aparta o leite da água?”, a cega, que era a mais esperta das três, gritou:

– Como você misturou, você aparta.

E o resultado foi que a assombração, com esse pito, essa bronca merecida, ficou sem graça e nunca mais apareceu. Assim, elas puderam comprar baratinho a fazenda e lá foram morar, bem satisfeitas.

Arrumaram tudo com um capricho que dava gosto. Varreram bem varridos a casa e o quintal, espanaram as teias de aranha, expulsaram as cobras e lagartixas, derrubaram os montes de cupim que estavam tomando conta de um pedaço, capinaram tudo.

Pouco a pouco foram plantando arroz, milho, cana, comprando uma cabeça de gado aqui, outra ali, e melhorando de vida. Contrataram dois vaqueiros para trabalhar de meia e ajudar no serviço mais pesado.

A fazenda foi ficando um brinco.

Os vaqueiros, como todo vaqueiro que se preza, gostavam de uma viola e se reuniam, à noite, ao redor da fogueira no quintal, cantando as modinhas tristes que só quem mora nesse grande sertão é capaz de entender.

As duas irmãs que podiam escutar ficavam escutando. E a que não escutava, ficava olhando. As três gostavam muito. Às vezes até deixavam uma lagrimazinha rolar dos olhos, com aquela tristeza boa que a música de viola provoca.

E assim iam vivendo.

Além das toalhinhas e paninhos de crochê que faziam, cada vez mais bonitos e delicados e benfeitinhos, vendiam bolo de arroz pra viver, um bolo de arroz famoso, o melhor das redondezas.

Todos os ingredientes eram da própria fazenda, que elas mesmas cultivavam: o arroz pilado na hora, o leite tirado das vacuinhas, puro, puro, sem uma gota de água, que isso é da maior importância pro doce ficar como deve ser. A grande maioria do leite que vendem por aí é misturado, pois esse negócio de misturar água com leite, como fazia o antigo dono da fazenda, infelizmente, não era nem nunca foi exceção, nem naquela época nem agora, que negócio desonesto parece que é eterno, não tem fim e, pelo contrário, só faz aumentar.

Elas usavam a manteiga amarelinha clara, feita ali mesmo, o açúcar mascavo do pequeno canavial, e pau de canela.

Por isso é que ficava tão gostoso, porque era feito como tinha que ser.

Para quem ia lá comprar as toalhinhas de crochê e os bolinhos, e para quem passava e via assim de fora, parecia que tudo estava muito bem entre as três irmãs e que elas viviam uma vidinha pacata e dentro dos conformes.

Mas não era bem assim.

As irmãs unidas eram só a muda e a surda. Viviam sempre juntas e era até engraçado ver as duas porque pareciam se completar direitinho. Uma falava e a outra escutava. Uma fazia um gesto e a outra dizia o que ela queria. Parecia que era combinado e ensaiado, o jeito delas.

O problema é que tinham uma inveja danada da irmã cega, que era a mais bonita, a mais esperta e boazinha.

Viviam fazendo maldades com a pobre.

Não maldade grande, que as duas não tinham coragem pra tanto, mas das pequenas mesmo, dessas que infernizam a vida. Coisinhas miúdas daqui e dali que vão envenenando o dia a dia, desencantando e entristecendo qualquer pessoa.

E é muito fácil fazer maldades com cegos, vocês sabem. Muito fácil e de grande covardia.

Na hora das refeições, elas trocavam o lugar do açúcar e do sal, perto da irmã; ou tiravam o prato que ela estava comendo ainda quase cheio e diziam que a comida tinha acabado. Quando estavam lavando roupa nas pedras do rio, faziam o sabão escorregar pro fundo do poço de água e botavam a culpa nela. Quando iam montar a cavalo, tiravam o mantinho limpo que a irmã acabara de colocar sobre a sela pra não ficar com o cheiro forte do suor do animal, e ela só ia perceber quando, já montada, sentia o couro liso e escorregadio da sela nua.

E faziam outra maldade que eu acho ainda pior.

É que, embora não pudesse ver, a cega, que se chamava Vaudemila, adorava cores; aos domingos, queria usar vestidos de cores diferentes.

De manhãzinha, mal acordava, ia esquentar a água do banho no fogão a lenha da cozinha, e sabia fazer tudo sozinha, conhecia muito bem a casa e o lugar onde estava cada coisa. Areava a bacia grande e levava pra casinha e deixava tudo arrumadinho ao lado da bacia: a toalha limpa, a bucha seca mas macia, o sabão que ela mesma fazia, com cinza e sebo, como tinha que ser feito mas também com ervas e alecrim do campo pra perfumar, e o balde cheio de água limpinha pra hora do enxágue.

Então pedia às irmãs que lhe fizessem o grande favor de pegar seu vestido rosa, ou o azul, ou o amarelo, conforme tivesse escolhido aquele domingo.

Mas vocês acham?

A pobre, a bem dizer, só tinha vestido preto, e as irmãs a enganavam dizendo que era da cor que ela queria.

Se fizessem isso por precisão ou por bondade, tudo bem. Mas era por maldade mesmo. Eram elas que escolhiam os panos e

poderiam muito bem escolher as cores que a irmã queria, mas qual! Por pura implicância, escolhiam sempre o preto. Diziam, "Tanto faz, ela não pode mesmo ver".

Mas no fundo, no fundo, era porque achavam que de preto a irmã ficava mais feia, além de passar por viúva, o que tornava mais difícil conseguir marido.

Tinham pavor de a irmã conseguir se casar e elas, não.

Vaudemila, então, pegava satisfeita o vestido preto, achando que era o cor-de-rosa, conforme tinha pedido, e o colocava na cadeira ao lado da bacia. Tinha que deixar tudo bem preparado antes de entrar no banho, com capricho e cuidado, porque cego tem que fazer tudo muito certo para não se atrapalhar depois. Qualquer coisinha fora do lugar é um suplício que tem de enfrentar sem saber como.

Com tudo pronto, Vaudemila entrava na bacia e tomava um banho bem demorado. Ensaboava-se bem devagarinho, gostoso. Lavava os cabelos compridos e, com a cuia feita de cabaça, ia jogando a água que tirava do balde de enxaguar.

Tão entretida ficava que às vezes nem percebia o leve movimento de ar provocado pelo vulto de uma das irmãs entrando sorradeira pra tirar a toalha ou o vestido do lugar.

Quando terminava seu ritual matutino de domingo, estendia a mão pra pegar a toalha ao lado, mas cadê?

Ah, pobrezinha!

Ficava um tempão ali, já começando a sentir frio, antes de se decidir a chamar uma das irmãs e pedir ajuda. A irmã muda, então, cutucava a surda, que, disfarçando o riso e fingindo-se de zangada, entrava no quarto de banho e dizia:

– Que coisa, Vaudemila! Todo banho seu é isso, você esquece onde colocou a toalha, ou o vestido, ou sei lá o quê. Qualquer dia desses acaba esquecendo onde colocou a cabeça e aí vai ser difícil achar. Toma! A toalha estava bem aqui onde você a colocou, olha.

E ainda dizia "olha", mesmo sabendo que ela era cega.

Todo domingo era assim.

Por fim, depois de prontas, banhadas e vestidas, subiam as três na charrete e iam à missa na Igreja do Rosário.

Nos dias de semana também, as maldades continuavam. Vaudívia e Vaudecy enganavam Vaudemila de tudo quanto é jeito. Ela bem percebia essas malvadezas, mas, para não brigar com as irmãs, fingia que não via, como se fosse ainda mais cega do que era.

E assim iam levando a vida.

Agora, eu tinha esquecido de contar que, além da assombração do dono antigo, a fazenda tinha também um tronco de árvore queimado pelo diabo. Era uma árvore onde se enforcara um forasteiro que um dia passou por ali.

Não sei se vocês sabem que uma pessoa enforcada não vai pro céu mas também não vai pro inferno. Diabo tem verdadeira ojeriza de quem se enforca. Ele tem o hábito de esperar pela alma da pessoa que morre quando a alma sai pela boca. É a hora que ele a agarra e a leva com ele. Só que como enforcado morre com a corda presa no pescoço, sua alma se vê obrigada a sair por outro lugar.

Isso deixa o diabo possesso, pois considera a coisa toda como afronta pessoal contra ele. O ódio é tanto que ele acaba descontando na árvore em que o pobre se enforcou e a queima até deixar que nem
tição.



Pois bem, a fazenda tinha uma árvore assim, logo perto da porteira.

E não é que a irmã cega cismou de fazer esse pau queimado brotar de novo?

Ia até lá, dia sim, dia não, e regava o pau e mexia na terra embaixo e afofava e não sei mais o quê. E tanto fez e desfez que um dia o pau começou a brotar.

Vaudemila começou a sentir com os dedos aquele principiozinho de vida germinando e fez uma festa! Ficou que não se caíbia de felicidade e dançou em volta do pau, alvoroçada que nem passarinho de manhã cedo.

As irmãs quando viram aquilo resolveram acabar com a alegria dela. Foram lá à noite e arrancaram o broto, pobrezinha!

No dia seguinte, quando chegou pra cuidar dele, cadê o comezinho da nova árvore? Procurou com os dedos e não achou nada. Passada a surpresa e o desapontamento, Vaudemila resolveu continuar do mesmo jeito, pois não era de esmorecer.

Continuou indo lá dia sim, dia não, regando, mexendo, afofando e trabalhando a terra, e não é que conseguiu de novo?

Nasceu outro broto.



Mas por um dia só que à noite lá foram as irmãs e o arrancaram e jogaram fora.

Essa lenga-lenga continuou um tempão.

Bastava Vaudemila conseguir fazer um brotinho aparecer pras irmãs irem lá na mesma noite e o arrancarem e jogarem fora.

Até que um dia, veja o espanto!, um bosque começou a brotar ali ao lado, aonde as irmãs vinham jogando os brotos que arrancavam do tição. Era um bosque de uma espécie nova de árvore que nunca ninguém vira por ali. Até as duas malvadinhas tiveram que se render ao encanto e beleza das flores daquelas árvores e, no meio do entusiasmo, se esqueceram das maldades e chamaram a irmã cega para ver. E ela viu com os dedos cada uma daquelas árvores e suas flores e entendeu na hora que eram dos brotos que conseguira fazer nascer da árvore do enforcado.

Saiu feliz, outra vez, pulando e dançando entre as árvores e pediu às irmãs que lhe dissessem de que cor eram as flores.

As irmãs, para não perderem o hábito, mentiram como sempre. Disseram que as cores mudavam: ora eram amarelas, ora rosas, ora brancas.

E não é que essa mentira pegou e as flores passaram a ser exatamente assim? Têm cores variadas, amarelas, rosas e brancas, e florescem que é uma beleza durante cinco meses por ano.

Tem gente que diz que é milagre. Eu tenho pra mim que não, que é fruto da persistência, uma das maiores virtudes que existe. Quando alguém quer muito uma coisa, e persiste para conseguir o que quer, e persiste fazendo a coisa certa, acaba conseguindo. E aí a felicidade de ver acontecer o que a pessoa tanto quis e batalhou pra acontecer é muito maior que a felicidade de um milagre. É o que eu penso.

Por isso é que as irmãs não conseguiram acabar com a alegria de Vaudemila. Ela sabia que aquele lindo bosque tinha resultado do trabalho dela.

Teve um engenheiro de plantas, um tempo atrás, que veio para examinar essas árvores que provocavam comentário até em ou-

tras cidades. Um moço bom, estudioso, muito educado, como são os moços que levam a sério o que estudaram para fazer.

Ele foi lá, examinou, viu as folhas, as flores, as sementes. Levou as amostras, estudou. Foi ele quem disse que eram árvores de um tipo muito raro, que não dá nessa região, e tem um nome complicado, que ele falou qual era mas ninguém ligou porque todo mundo quis continuar chamando de Árvore do Enforcado mesmo.

Esse moço até disse uma coisa que bateu com a minha ideia de que não era milagre, mas obra dos cuidados da cega: disse que a hipótese dele é que o tal do enforcado veio de algum lugar distante, onde tinha essa árvore, e estava com sementes dela no bolso na hora que se enforcou. Que podia ser um estrangeiro, de algum país distante, que trouxe a semente com ele. E como ninguém sabe ao certo quem era o dito-cujo, eu acredito que foi isso mesmo que aconteceu.

Desde então o Bosque dos Enforcados começou a atrair muita gente até a fazenda das Três Vaus para admirá-lo.

O povo ficava lá na porteira, só olhando.

Quem quisesse entrar, as irmãs deixavam. Aproveitavam para vender mais bolinho de arroz, pois quando se chegava mais perto ninguém resistia ao cheiro delicioso que vinha do bolo saindo quentinho do forno.

Com isso, elas viveram bem até morrer. E nenhuma se casou.

Dizem que Vaudívia e Vaudecy morreram no mesmo dia, quase na mesma hora, como se tivessem combinado. Vaudemila morreu no dia seguinte, pois, apesar das maldades das irmãs, a ceguinha adorava as duas e não saberia viver sem elas.

Depois disso, a fazenda foi comprada pelos Carvalhos e o Bosque do Enforcado continua lá, perto da porteira. De maio a setembro dá uma floração que é uma lindeza. Vocês já passaram por lá e já viram, não viram?

Em nenhum outro lugar tem aquela espécie de flor.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DA MULHER DO PADRE



Você quer saber se acredito em lobisomem e mula sem cabeça?
Acredito não, minha filha.

Esse povo gosta muito de exagerar e de espichar um caso, e até inventar mesmo, bem inventado. Qualquer coisinha vira um deus nos acuda. Mas eu, que já sou dessa idade que Deus quer, só acredito mesmo no que vejo ou ouço de certo, o que já não é pouca coisa.

Por exemplo: seu Marcelino, que mora perto da estrada velha, vive falando de um lobisomem, um Mané Criatura, que ele diz que é vizinho dele.

Eu acho é graça, pois nunca tive vizinho assim, não.

Seu Marcelino diz que o lobisomem aparece em noite de lua cheia, logo nessas noites que são as mais bonitas, quando todo mundo gosta de ir pra rua, apreciar. Deve ser por isso, exatamente. Deve ser algum marido quem começa a inventar essas coisas, com medo de a mulher se interessar por outro em noites de lua, e depois uns fantasiam que ouviram gritos de lobo esconjurado uivando e, na manhã seguinte, que viram fiapos de roupa nos dentes ou nas unhas de beltrano ou de sicrano.

Como esse Marcelino que diz que viu fiapos de carne humana nas unhas do tal Mané Criatura.

Mas veja bem: se alguém assim fosse mesmo vizinho dele, você acha que ele continuaria morando lá?

Claro que não.

Mas o bicho humano é assim mesmo, adora uma invenção, um exagero, um rebuliço, um espalhafato.

O que eu sei, de fato, é que o tal vizinho do seu Marcelino é um homem solitário e muito peludo, sabe? Daqueles que têm barba grossa e pelo saindo por tudo quanto é lado, mãos peludas, pés peludos – que eu falo não de ter visto, que eu mesma nunca vi o pé dele, mas geralmente quem tem mão muito peluda tem os pés peludos também. É raro, mas tem.

Mas, então, coitado!, só porque é peludo e feio que nem a peste, tem que carregar essa pecha de ser também lobisomem? Maldade de quem não tem mais o que inventar: pra se fazer de importante, diz ter visto coisa que ninguém mais viu.

Por que também isso é outra certeza: nunca são duas pessoas que veem o mesmo lobisomem. Geralmente é uma só, que diz o que lhe dá na telha porque não tem ninguém pra desdizer.

A mesma coisa acontece com a mula sem cabeça. Dizem que a mula é a sétima filha de um amor sacrílego ou é mulher de padre.

Pois olha que eu conheço muita mulher de padre, mas não conheço nenhuma mula sem cabeça. Nenhuminha.

Há pouco tempo, mesmo, teve não só uma mas duas mulheres de padre por aqui e, pelo que sei, nenhuma delas saiu por aí à noite cuspidando fogo pelas ventas, o que é modo de dizer, pois se não tem cabeça como vai ter ventas, não é mesmo?

Uma delas, inclusive, sempre passa por essa rua, de tardezinha, a caminho da igreja. E a outra, embora não saia muito de casa, também qualquer um pode ver: é só ir na casa dela. É a Irma, que mora naquele sobrado que foi de Seu Antero.

Agora ela já é uma senhora, mas já foi moça, e no tempo que era moça tinha aqui um padre muito bonito, o padre Estéfano, que deixava a mulherada toda em polvorosa.

Era um italiano alto, de olhos claros e uma voz poderosa que reverberava por toda a igreja na hora dos sermões, causando sensação. As beatas, no seu tradicional papel e natureza, faziam tudo por ele. Não só as beatas, a cidade toda gostava dele.

E então, por isso mesmo, por gostar dele, todo mundo fazia de conta que não sabia de nada. Mas sabia.

Mesmo com certa dose de escândalo e um pouco de inquietação, a cidade ia convivendo com o fato – desde que tudo ficasse dentro das normas do sigilo e do decoro – de que o padre tinha uma amante, que era não Irma, mas a outra, que não vou dizer o nome porque a pobre já sofreu muito com essa história.

Só digo que era uma mulher delicada, discreta, melancólica. Muito piedosa, ajudava a quem precisasse, e fazia todo o trabalho da igreja. Era a mão direita, vamos dizer assim, do padre Estéfano. E se todo mundo sabia, ninguém falava nada porque era como se houvesse uma espécie de código do pecado aceito. Código que dizia assim: se pecar é ruim, pior é deixar o pecado aparecer. É claro que o outro nome disso é hipocrisia, mas parece que hipocrisia e sociedade são comadres e adoram viver juntas.

Pois bem. Se a amante do padre era um pecado aceito, Irma veio alterar essa ordem estabelecida das coisas.

Irma, quando moça, adorava novelas de rádio e gostava de ficar na janela, procurando namorado. Como não achava, ficava falando mal da vida alheia.

Muito sonhadora e romântica, todo dia, depois de fazer as tarefas de casa, tomava seu banho e aprontava-se toda, com roupa bonita e perfume, pra ficar na janela. Entardecia e ela continuava na janela. Chegava a noite, todo mundo ia dormir, ela continuava com os braços apoiados no parapeito. Dava meia-noite, e ela lá.

Uma noite, uma procissão passou em frente da sua casa. Uma procissão bonita que só vendo. Aquela fila comprida, começando lá no fim da Rua do Rosário e virando a Rua Direita, cada um com sua vela acesa dentro do envoltório de papel de seda branco, a

luzinha tremeluzindo com o vento sem nunca se apagar, o cheiro bom de incenso se espalhando pela rua toda, os anjinhos como se fossem de verdade, com sandalhinhas tão delicadas que pareciam nunca ter pisado o chão, e com asas tão benfeitadas e grandes que pareciam poder voltar voando pra casa. Tinha-se a impressão de que só estavam esperando uma ordem para saírem todos em revoada. E a bandinha acompanhando tudo, tocando umas músicas tristíssimas, de partir o coração.

Mas Irma não reconheceu ninguém.

Falou, que coisa, meu Deus!, será que não conheço mais o povo desta cidade? Nem o pessoal da banda, que ela gostava tanto de ouvir, ela reconheceu.

Foi então que uma moça saiu da procissão, chegou perto da sua janela e disse:

– Olha, dona, a senhora toma conta dessa vela pra mim?

Irma falou, claro, pode deixar.

A procissão passou e a vela ficou ali na sua mão. Como nada da moça voltar para buscar sua vela, Irma foi examinar melhor



e viu que aquilo era osso de canela de defunto, esse ossinho que fica aqui, ó, tá vendo?

Ela reparou também que já passava da meia-noite e que procissão nenhuma saía da igreja aquela hora. Foi aí que compreendeu que acabara de ver passar uma Procissão de Mortos e que por isso não reconhecera ninguém.

Irma se assustou demais com aquilo e entendeu que era um aviso pra que não ficasse tanto na janela. No fundo, reconhecia que andava falando muito da vida alheia e sabia que isso era ruim.

Resolveu mudar de vida e recomeçar a ir à igreja, onde há muito tempo não ia. Ainda nem conhecia direito o tal do padre bonito, o italiano.

Pois foi só conhecer e se apaixonar.

Moça velha, apaixonada, passando da idade de casar, já viu o perigo que é. Começou aquela consumição. Irma já não ficava à janela, mas agitava-se o tempo todo, esperando a hora da igreja abrir. Mal conseguia dormir à noite.

Madrugadinha, passava com seu veuzinho, missal e terço debaixo do braço, compenetradinha, sem nem olhar pros lados. No meio da manhã, lá vinha ela outra vez, pretextando uma confissão. Depois do almoço, passava de novo, pretextando uma reza de novena. De tardezinha, outra vez, que era hora do Angelus. E lá ficava até a igreja fechar.

Os comentários começaram:

- Lá vai Irma pra igreja.
- Outra vez?
- Passa tão apressada que mal cumprimenta as pessoas.
- E não fica mais na janela. É o dia todo na igreja, ou em casa, rezando no oratório.
- Que coisa! Essa menina mudou.

Passava pelas ruas, agitada, alheia, e as janelas – onde antes era ela quem ficava – se alvoroçavam com os comentários. Com ar inquieto, olhar ardente, jeito de consumição, ela pisava na linha que separa o tolerável pela cumplicidade coletiva da afronta.

O caso foi caindo na boca do povo e a família de Irma começou a ficar preocupada. Família que eu digo era o pai – que a mãe tinha morrido e as irmãs e irmãos estavam casados. Ela era a única que continuava solteira.

Um dia o pai não aguentou e foi atrás dela na igreja. Chegando lá, foi uma altercação grande porque a filha não queria voltar pra casa e o pai teve que arrastá-la, puxando pelos cabelos, um alvoroço só.

Depois desse escândalo, claro, a situação piorou e o pai não teve outro jeito a não ser mandar a filha passar uns tempos na casa de uma das irmãs, na Capital.

Logo depois o padre Estéfano – por outros motivos – foi chamado de volta à Itália e a igreja perdeu boa parte de sua graça.

A discreta amante do padre – a outra, a verdadeira –, não tendo para onde ir, continuou na cidade, com sua melancolia e reserva, cada vez mais parecida com uma imagem de Nossa Senhora das Dores.

Com o tempo, Irma acabou achando um fazendeiro viúvo, interessado em se casar e casou. Teve filhos, apanhou, dizem que muito, do marido, viveu sabe-se lá quanto sofrimento. Curada de seu romantismo, de sua ardência e amores, optou pela obesidade.

Hoje, nem à igreja vai mais.

Passa o dia todo sentada em uma cadeira que mal contém sua figura que beira os cento e tanto quilos nos seus pouco mais de metro e meio, pois é bem baixinha. Parece até uma porca, pobre Irma!, daquelas que não conseguem andar de tão gordas. Um golpe baixo que a vida pregou no final feliz de seus sonhos românticos.

Agora, é preciso que se diga, nem ela nem a outra mulher do padre, a verdadeira, nunca viraram mula. Estão por aí, como outra pessoa qualquer, vivendo suas vidinhas de tristeza.

Por isso é que eu digo: mulher apaixonada por padre, conheço muitas, mas mula sem cabeça nunca vi nenhuma.

A RENDA NEGRA DO CIÚME



Aquela rua que passa paralela à Rua Direita, mas nos fundos, dando para os quintais, era a tal da Rua de Trás.

Era uma rua feia pra danar, mas muito famosa naquele tempo.

Para as donas de família, era a rua da desgraça e dos escândalos. Para as crianças, a rua de um dos maiores mistérios da cidade.

Suas casas pobres, desenxabidas, algumas com cortinas vermelhas ou papel celofane vermelho nas janelas, pareciam todas muito penumbrosas.

As mulheres, cada uma mais feia que a outra, coitadas!, ficavam nas soleiras das portas, em grupos de duas ou três, ou em trabalhos dentro de casa ou lavando roupa no quintal. Vestiam-se com vestidos de chita, sem graça, mas sempre muito decotados. Pintavam-se com ruge e batom vermelho-sangue e se cobriam de colares, pulseiras e anéis, num exagero grande.

Viviam às gargalhadas. Mesmo no tanque, estavam sempre rindo, rindo alto, fazendo graça, divertidas. Pareciam viver uma vida alegre e despreocupada, numa conversaiada que não acabava mais.

Os meninos eram proibidos de passar por ali. Os adultos lhes diziam que era rua perigosa, o que só servia para atiçar mais a curiosidade. Quando alguns mais ousados conseguiam coragem suficiente para ir até lá, iam juntos, em grupos, temendo esse perigo misterioso e sem ter a menor ideia do que poderiam encontrar. As mulheres, então, gostavam de provocar e, dependendo de ser filho de quem, riam mais alto ainda, diziam gracinhas e levantavam a saia, mostrando a bunda. Bundas enormes, pretas e brancas e pardas, todas sem calcinhas.

Um dia o delegado da cidade se apaixonou por uma dessas mulheres, uma bem juvenzinha, morena-clara, de cabelos ondulados cor de mel. Era risonha e alegre, como todas, só que bem bonitinha, pois, como era novinha, tinha o viço fresco da juventude.

Ele se apaixonou e tirou ela de lá, casou com ela na igreja, de papel passado e tudo. E ela, muito contente com o casamento e o marido, virou mulher direita, frequentadora das rezas na igreja, das quermesses, novenas.

Só que homem é um bicho custoso, não há jeito de negar! E cada um carrega o destino na garupa do seu cavalo, ninguém é capaz de evitar.

Pois você acha que o pobre do delegado vivia feliz?

Que nada!

Ele achava que tinha perdoado o passado da mulher mas no fundo, no fundo, de fato não perdoou. Não conseguia esquecer que a esposa tinha sido mulher da vida e vivia atormentado. Ciúme é veneno terrível, desses lentos que matam de pouquinho a pouquinho. Ciúme, então, que nasce dentro da cabeça, sem motivo certo, é coisa sem limite nem paradeiro. Vai acabando com o que está na frente.

Você não vê o caso do João-de-Barro? Que passarinho mais ciumento e cruel aquele, deus do céu! Faz aquela casa com tanto capricho, com dois quartinhos, tão esperto que até o homem, quando quer construir num lugar que não conhece direito, procura ver se tem uma casa de João-de-Barro perto pra saber de

que lado colocar sua porta. O danado do passarinho sempre faz a porta no lugar certo, na direção contrária da sopradeira habitual do vento.

Apesar de tanta esperteza, se ele acha que a fêmea está dando asa pra outro, pronto!, tapa a entrada do quartinho da infeliz e a deixa morrer sem ar. Judiação grande, por puro ciúme.

Pois assim vivia o infeliz do delegado, num ciúme doido, numa desconfiança que parecia uma renda negra colocada sobre seus olhos, toldando tudo que ele olhava.

Como delegado, era um homem que tinha que viver por aí campeando malfeitos em seu cavalo. Vestia uma capa preta, chapéu preto, umas esporas enormes e, quando tinha que sair atrás de bandido por vários dias, saía num tormento, receando deixar a mulher sozinha em casa. Que ela aproveitasse a ausência dele para se encontrar com outro.

Então, o que ele fazia?

Ficava indo e vindo, dando uma incerta na mulher, pra ver se descobria alguma coisa. Nunca descobria nada, mas você acha que adiantava? Vivia dilacerado, nesse perpétuo desassossego.

Até que a coitadinha morreu, de morte morrida, tuberculose, doença que pegou quando sofria no trabalho de mulher da vida. Era novinha e tudo, mas já estava com o germe da doença e não teve como escapar.

Sofreu muito, antes de morrer; e ele, até o último momento, ainda dando incerta de noite, ainda desconfiando que ela podia ter um amante que vinha nas horas que ele não estava.

Quando a coitada morreu, o pobre do delegado ficou que nem doido!

Passou dias desatinado e, para cúmulo dos cúmulos, começou a se culpar, a se acusar, agora já achando justamente o contrário, que a mulher era uma santa. Passou a não perdoar a si mesmo por não ter confiado na pobre.

Veja que coisa não faz a cabeça de uma pessoa!

E o que aconteceu, então, já estava previsto no destino dele. Começou a sair atrás de bandido com pouco cuidado, como se

quisesse morrer, e acabou mesmo morrendo em tocaia de ladrão de gado.

Só que nem assim ele encontrou paz.

Passou a vir toda noite assombrar a casa onde tinha morado com a mulher.

Quem morou lá depois contava que no meio da noite escutava-se aquele barulhão de esporas e cavalo chegando.

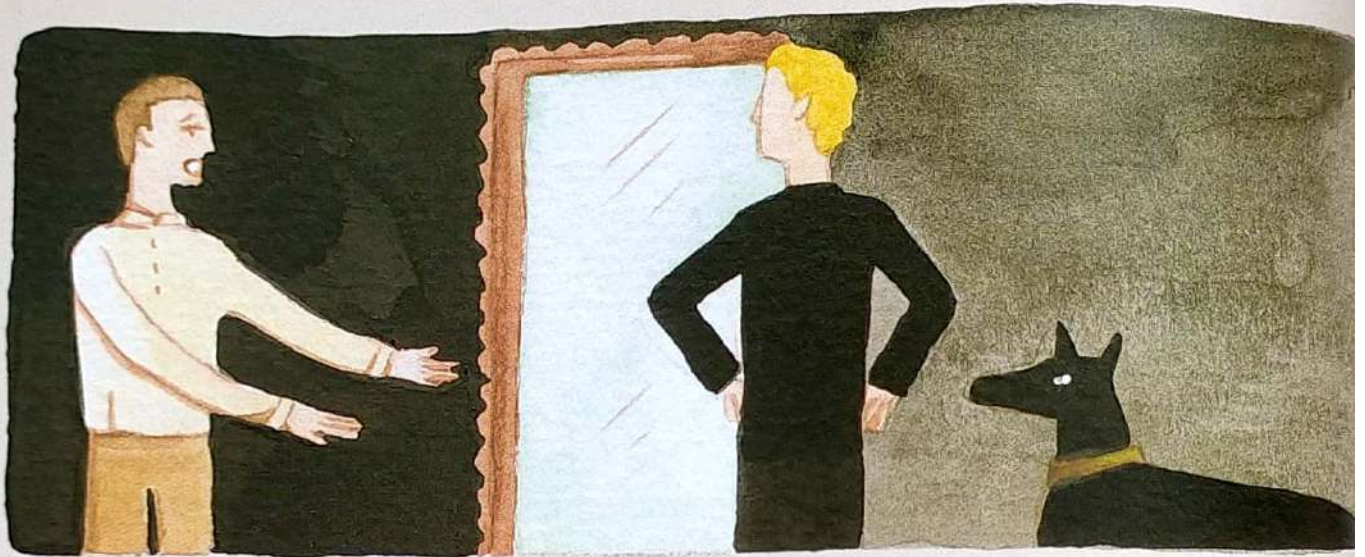
Primeiro, era o trote do cavalo e o barulho das ferraduras, troc, troc, troc.

Depois, as esporas batendo na pedra da calçada, tric, tric, quando o cavalo parava e, então, fazendo um barulho surdo pelas tábuas da sala e do corredor, truc, truc, iam até o quarto de casal.

E, por fim, um soluço profundo, um lamento de uma tristeza tão grande que dava até mais medo do que o barulho das esporas.

Dizem que é assim até hoje.

O NAMORADO DE LÚCIFER



Olha quem vem lá, o vaqueiro mais educado desta cidade!

Aí vem ele, cumprimentando, tirando o chapéu para todo mundo, com muito jeito, muita educação. É da fazenda dos Alfarriños. Os vaqueiros de lá são todos assim, muito educados, bem vestidos, muito finos. É uma gente caprichosa que faz questão de tudo nos conformes.

E isso não é de hoje, não. Começou bem antes do tempo do avô deles, seu Capistrano, que Deus o tenha! Começou com o bisavô do seu Capistrano, toda essa educação, a fineza, esse chinrinfinfim.

E também a tragédia.

Pois o caso é que esse bisavô era um fazendeiro muito rico, muito mais rico do que eles são agora. Era dono daquelas terras todas que vão do pé da serra até bem pra lá do Rio das Almas.

Era terra que não acabava mais. E uma riqueza que não dava para medir.

Além de tudo, era também um homem danado de bonito. Alto, esbelto, cabelos de cachos castanhos, olhos esverdeados. Muito bem vestido e educado. Fazia questão de todo dia trocar de rou-

pa e só usava camisas brancas, alvíssimas, com monograma com as iniciais dele bordadas no bolso com fios de seda. Calças e botas, tudo muito limpinho, brilhando e combinando. Tinha vários tipos de chapéus, um para cada ocasião, que mandava buscar no Rio de Janeiro e até na França.

E os modos, então, nem se fala: parecia uma donzela de tanta educação. E era mesuras pra cá e rapapés pra lá, esmeradíssimo. As moças todas eram apaixonadas por ele, só vendo o sucesso que ele fazia.

Era muito culto também. Lia um monte de livros que mandava trazer da Capital. Podia ser em português, em francês e em latim, que ele sabia todas essas línguas. Chegavam os pacotes pelo correio, e logo vinha um dos homens da fazenda buscar. E todo cuidado era pouco porque ele recomendava que livro era pra ser tratado como um tesouro.

Então, esse fazendeiro era um exemplo de gente refinada pro povo daqui.

Logo se casou com uma moça que veio de São Paulo, bem delicada, branquinha, parecendo um lírio. Só que morreu quando deu à luz o segundo filho. E ele passou a ser um viúvo jovem e ainda mais cobiçado.

Pois bem.

Passou uns meses da morte da esposa, acho que até mais de ano, e não é que esse moço de tantas prendas e qualidades foi se apaixonar logo por quem?

Por Lúcifer. Exatamente, o próprio. O Príncipe das Trevas, O Imperador da Escuridão, O Anjo Ruim.

Como é que isso foi acontecer, ninguém sabe ao certo. Como foi que Lúcifer apareceu e seduziu o viúvo moço, como foi que o namoro começou, ninguém nunca ouviu dizer. Deve ser porque esse momento, como em quase todas as histórias de amor, foi testemunhado só pelos dois interessados, e nenhum deles quis contar pra ninguém.

O que todo mundo sabe é que Lúcifer, quando quer, pode aparecer muito bonito, disfarçado de moço, muito refinado e cheio

de sedução. Pode seduzir quem quiser, homem ou mulher, dá no mesmo.

Pro Diabo, tanto faz.

O fazendeiro se apaixonou pelo moço bonito e refinado que apareceu um dia na fazenda, com rapapés e salamaleques, montado em um garboso cavalo preto e acompanhado de perto por um cachorro preto de uma raça que ninguém conhecia, os dois, cavalo e cachorro, tão pretos e bem cuidados que até provocavam um halo brilhante em volta.

No meio daquele pretume todo, também vestido de preto, porque o Diabo só se veste de preto e de vermelho, lá vinha ele, o moço que era também alto e esbelto, só que louro e com os olhos de uma cor que não dava para ver direito porque ninguém conseguia olhar direto nos olhos dele.

Quem tentasse, tinha um estremecimento, uma coisa esquisita, uma vertigem, e era obrigado a desviar o olhar.

Contam também que o pobre do fazendeiro só teve certeza que o moço era Lúcifer quando deu um espelho pra ele e a imagem não se refletiu. Mas aí já era tarde. Já estava completamente apaixonado daquele jeito cego, louco, sem perdão, o jeito das grandes paixões.

Na verdade, o fazendeiro fez o teste do espelho porque já vinha desconfiando do namorado por dois motivos: primeiro, porque ele não tirava as botas nem pra dormir e, segundo, porque quando se esquecia de lambuzar o corpo com os perfumes que trazia num alforje constantemente a seu lado, ficava com um cheiro que até o fazendeiro, mesmo apaixonado como estava, achava quase repugnante.

Essas são as duas características do Diabo disfarçado de gente: ele consegue mudar tudo nele, menos o pé bifurcado e o cheiro de enxofre.

Mas será que vocês sabem direito quem foi Lúcifer?

No Paraíso, ele era o anjo preferido de Deus, o Anjo da Luz, de beleza fulgurante e única, pois Deus jamais conseguiu fazer outro anjo igual, nem tão inteligente, nem tão perfeito.

Só tinha um defeito, um defeito tão grande que foi sua perdição: a soberba, que é o exagero do orgulho. Com o tempo a soberba foi lhe subindo à cabeça, e um dia ele pensou que já que era tudo aquilo, por que tinha que se submeter ao Senhor?

Por que não podia ser, ele também, um deus?

E foi então que se rebelou e Deus teve que lhe mostrar sua força e o expulsou do Paraíso. Como castigo adicional, mudou também completamente sua aparência, para que ele aprendesse de uma vez por todas quem era mesmo que mandava, e aprendesse também que orgulho demais nunca traz nada de bom. Suas penas translúcidas de anjo viraram escamas nojentas de réptil, suas asas faiscantes, garras pontiagudas, seus delicados pés voadores, cascos bifurcados, e seu perfume natural das mais belas flores que ainda nem tinham sido criadas, um odor pestilento.

Foi condenado para sempre ao Inferno, de tormentos indescritíveis e lagos de fogos escaldantes. Desde então, passou a ser Lúcifer, o Imperador do Mal, e chefiar suas legiões de demônios na luta eterna contra Deus, o Imperador do Bem.

Mas com seus poderes, que embora condenados ainda são enormes, Lúcifer não se conformou em ficar restrito ao Inferno. De vez em quando ele sai, disfarçado de homem bonito.

Gosta de andar pelo mundo, examinando as coisas e, quando tem tempo, gosta de passar temporadas na Terra, descansando, refazendo suas forças, tirando umas férias, porque se até Deus descansou no sétimo dia da Criação, imagine o Diabo!

Foi para suas férias daquele ano que ele havia escolhido aquela bela fazenda, e lá ficou o tempo que quis.

Ao que tudo indica, foi um tempo de muita felicidade pro fazendeiro. Os dois saíam a cavalo pra passear e ver, do alto da serra, o deslumbrante pôr do sol do planalto, o coração do país.

Andavam por ali e o fazendeiro mostrava para o namorado tudo que a fazenda tinha de bom. Mostrava as plantações, o gado, as benfeitorias. Mostrava os rios e as quedas-d'água, as árvores e as flores do cerrado.

Todo amoroso, inventava apelidos para o amado: Lucifuge, Lucibel, Luciluz. Tratava-o como só quem ama sabe tratar aquele que é o objeto de seu amor.

Mas ele, Lúçifer, o que achava disso tudo?

Ora, pra começar, Diabo não ama ninguém.

Em compensação, é o criador do fingimento e do interesse. Fingia-se de educadíssimo e requintado, pois era de sua conveniência passar um tempo ali descansando. Por isso ia fingindo que aceitava aquele amor cego e tudo o que o fazendeiro lhe oferecia.

Os passeios pela fazenda.

O banho cristalino nas cachoeiras.

A cama com lençóis de linho macio pra ele descansar.

Os biscoitos quentinhos feitos a qualquer hora, a pamonha cozida, preparada só com o milho mais verde e tenro da região.

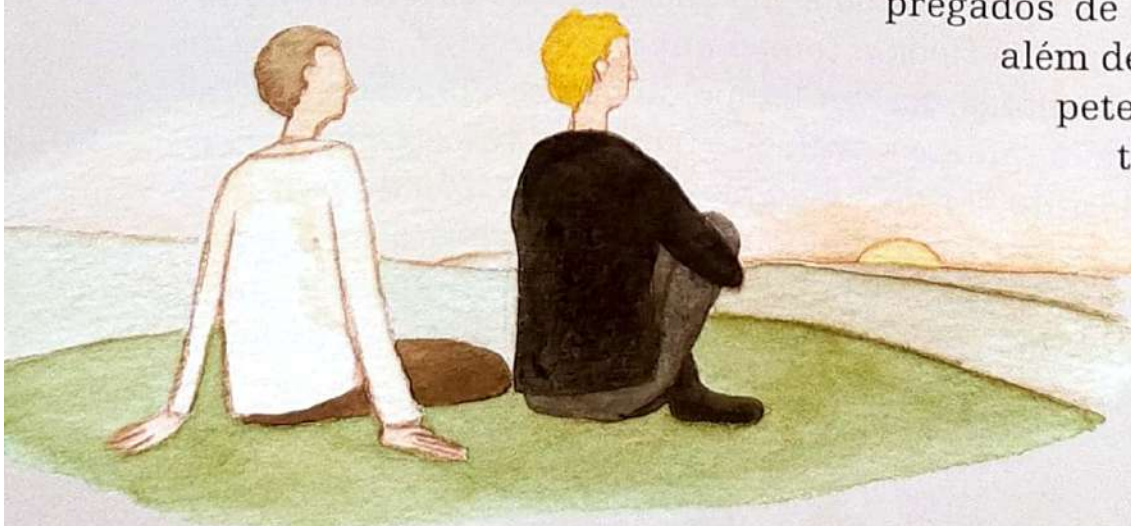
A garapa da cana-caiana mais doce.

As comidas da despensa: as latas de doce de leite, as goiabadas-cascão, as compotas das frutas do cerrado. As rapaduras e os queijos e requeijões.

Os violeiros cantando modinhas tristes ao redor da fogueira à noite.

O fazendeiro mimava-o de tudo quanto é jeito. E todo o pessoal da fazenda tinha que servi-lo muito bem. Foi por isso que aprenderam as regras da cortesia e da educação e de bem tratar as pessoas: para servir a Lúçifer.

Todos os vaqueiros e agregados e empregados de casa, todos, além de muito competentes e de entenderem do riscado que faziam, tinham que andar muito limpos e



muito bem vestidos, e ter bons modos e saber se comportar, cumprimentar, conversar com Lúcifer na hora certa, isto é, na hora que ele quisesse conversar, essas coisas de gente fina. Que o fazendeiro ensinava e depois exigia. Vaqueiro que aparecesse sujo ou não soubesse tirar o chapéu do modo certo para cumprimentar era mandado embora na hora.

Lúcifer foi ficando, foi ficando.

Até que um dia achou que já estava descansado o bastante e era hora de tocar pra frente suas legiões de diabos.

Mandou chamar seus dois Ministros preferidos: Agaures, o Grão-Duque do Inferno, o diabo encarregado de ensinar línguas, fazer os espíritos terrestres tremerem e distrair os inimigos, comandante de 31 legiões; e Adremeleque, Presidente do Alto Conselho dos Infernos e Superintendente do Guarda-Roupa do Diabo, de torso humano e rabo de pavão e um espírito muito rápido, irônico e propenso a boas gargalhadas.

Chegaram os dois muito bem disfarçados de velhos, que era para não provocar desconfiança nem ciúmes do fazendeiro, e começaram a confabular, trancados numa sala da fazenda, tomando a Bebida do Ódio, feita com a bÍlis de quatro animais.

Passaram a noite assim. No dia seguinte, o Diabo já decidira o que fazer.

Mas nem sequer disse pro fazendeiro que ia embora porque, além do mais, diabos abominam despedidas.

Só esperou chegar a noite de uma sexta-feira sem lua, pra arrear silenciosamente seu cavalo preto, assoviar pro seu cachorro preto num tom que ouvido humano não escuta, e partir no pretume da noite.

Quando o fazendeiro se deu conta do que acabara de acontecer, saiu atrás, como louco, em seu cavalo mais veloz.

Lúcifer já estava longe, desaparecido para nunca mais.

Ah, pra quê!!

O pobre do fazendeiro penou as dores da morte de um amor, e essas dores doem demasiado. Fez de tudo: procurou pelo mundo afora, subiu nas serras mais altas para invocar seu nome,

desceu aos desertos mais secos, andou por esse planalto todo, foi para o sul, para o norte, cavalgou léguas e léguas, mas tudo em vão.

O Diabo não queria mais saber dele. Tinha enjoado. E quando o Diabo não quer mais saber de alguém, não quer mesmo.

O fazendeiro nunca mais se consolou. Foi emagrecendo, definhando, perdeu o gosto pela fazenda e pela vida.

Um dia amanheceu morto, com um tiro no peito, do lado do coração, lá no pé da serra onde gostava de ver o pôr do sol ao lado de seu Lucibel, Luciluz, Lucifuge.

É uma história triste, não é? Mas foi assim que aconteceu.

A fazenda, abandonada pelo dono, o herdeiro ainda pequeno, definhou. A família perdeu boa parte das terras e do gado que tinha.

Mas não perdeu a educação. O povo que trabalha lá até hoje é gente finíssima. De muitas cortesias e gentilezas.

Dá gosto ver.

O DONO DO VELHO CINEMA



Houve um tempo que essa cidade era dividida entre duas famílias de grandes donos de terra. Quase todos os lugares importantes – tirando as igrejas – pertenciam a alguém de uma dessas duas famílias. Pode-se dizer que era um cenário bem montado do domínio das oligarquias rurais.

Até o cinema, aquele prediozinho que hoje está abandonado, era de uma das suas tias, dona Isaura, que o alugava a quem se interessasse por fazê-lo funcionar. Mas era difícil alguém se interessar: boa parte do tempo ele ficava desativado. E não foi dona Isaura quem o construiu; ela o comprou, quando já estava meio abandonado, porque era ao lado de sua casa e, moderna como sempre foi, sua tia achou que podia ser um bom negócio.

Mas acho que não foi, porque a não ser no começo, na época em que o dono começou tudo, o tal do cinema nunca deu muito certo.

Esse dono era um homem que ficou rico beneficiando arroz. Não era daqui; chegou à cidade ainda jovem, com muitas ideias e dinamismo, e foi modernizando uma coisa e outra, e ficando rico.

Tinha paixão por cinema. Tão logo começou a ter dinheiro, a primeira coisa que fez foi levantar o prediozinho. Muita gente daqui nem sabia o que seria aquilo, nunca tinha visto um filme e o dia da inauguração foi um acontecimento.

Veio gente de outras cidades, todo mundo com roupas de cerimônia, o prefeito, o juiz, o padre para dar a bênção, até o delegado que eu tenho cá pra mim que nem sabia ler direito.

Bandinha tocando na porta e, depois, tocando lá dentro, pois os filmes daquela época, você sabe, eram mudos. Se quisesse som, tinha que colocar uma banda ou piano tocando ao lado da tela.

Chegava um filme novo acho que a cada quinze dias, vinha com a jardineira que fazia o trajeto até a Capital. As noites em que tinha sessão, sempre nos finais de semana, juntava o povo todo.

Todo mundo nos trinquês. Homens, mulheres, crianças.

Os moços, então, numa animação que dava gosto ver. Pois assim é que anda a roda da vida, e os jovens de qualquer lugar sabem apreciar as novidades, enquanto os velhos olham ressabidos, achando que o mundo fica cada vez mais difícil de entender.

O dono ficava na porta, recebendo as pessoas e cumprimentando, todo feliz. E aquela animação continuava até a sessão começar.

Passou um tempo assim, nessa beleza!

Pena que um dia aquilo tudo acabou.

O que foi que aconteceu, muita gente me pergunta até hoje. Mas confesso que não sei a resposta.

Uns dizem que o cinema começou a dar prejuízo; que depois que passou a novidade, o povo deixou de se interessar. Será? Não sei. Sempre vi muita gente se juntando ali, era só ter sessão.

Outros dizem que era coisa moderna demais para povo tão atrasado, que não entendia os filmes. Sempre tem quem diz que o povo é burro, o que me faz achar graça, pois o povo não somos todos nós? Inclusive quem fala?

O que contam também é que o dono acabou desistindo da cidade por outro motivo completamente diferente: um caso de amor.

Não sei se é verdade, mas vou contar conforme me contaram porque, de qualquer maneira, é uma história bonita e até parece história de filme.

Esse moço, o dono do cinema, morava pros lados do Rio Vermelho e, todo dia, quando vinha pra cidade, entrava pelos fundos do cemitério, justamente por onde morava uma moça muito bonita, branquinha, de cabelos anelados cor de mel silvestre, e olhos castanhos tão clarinhos que pareciam amarelados. Moça que chamava atenção, pois, além de bonita, era alegre, expedientosa, muito falante.

Requebradeira como ela só. Vinha pelas ruas, requebrando, sorrindo, e todo mundo olhava.

Mas diziam que ela tinha uma esquisitice, se é que se pode chamar de esquisito um tipo de gosto só porque é diferente do gosto comum: ela gostava de urubus. Parece que tinha uma espécie de criação. Como morava pras bandas do cemitério, urubu era o que não faltava.

Mas quase ninguém gosta dessa ave. Parece até discriminação, só porque urubu é preto, pobre e feio, não é mesmo? Mas por conta disso, começaram a falar da moça. Achavam que já que ela gostava de urubu, devia ter alguma coisa destrambelhada, o miolo mole. Ou devia ser doente de tristeza, gostar de cemitério e de defunto!

Mas qual nada! Ela pouco se importava com o falatório e seguia alegre, faceira. Adorava uma festa, forró, moda de viola. Não perdia quermesse, barraquinha, nada.

E continuava cuidando de suas aves. Pelo menos uma vez por dia, ia ao quintal alimentar seu bando de urubus. Conversava com eles e tudo.

Agora, além dos urubus, sua outra paixão era o cinema. Adorava aquele mundo de ilusões, de amores, desencontros e finais felizes.

Não perdia uma sessão.

O dono do cinema, por sua vez, vendo aquela moça bonita, toda noite, cumprimentava na entrada, olhava, cumprimentava na saída, olhava de novo. Daí a se apaixonar, foi um pulo.

Começou a esperar por ela, encantado. Enquanto ela não chegava, a sessão não começava. Dos filmes que ela gostava mais, ele até mandava fazer sessão especial, só pra ela, quantas vezes ela quisesse!

Era um moço muito esclarecido e tal, só que também era muito romântico, e também achava o máximo aqueles filmes todos que mandava passar. E depois tem outra coisa: amor quando dá não respeita ninguém. Não pergunta se a pessoa quer ou não. Chega e pronto, se estabelece.

O grande problema foi que deu só nele, nela, não.

Na verdade, já tinha dado nela há mais tempo, mas por outro. Pelo caixeiro-viajante que passava pela cidade todo mês, com amostras de remédio. E, num canto da maleta, só pra ela, trazia bombons Sonho de Valsa, barras de chocolate Diamante Negro, e três maçãs vermelhinhas embrulhadas em papel de seda azul.

Então, era inevitável: nos dias que o caixeiro passava na cidade, ela ou desaparecia com ele sabe-se lá por onde ou aparecia no cinema acompanhada, de braço dado com o rapaz.

O dono do cinema ficava sem saber o que achava pior: se era não vê-la ou se era vê-la com outro. Muitas vezes, de desespero, cancelava todas as sessões enquanto o caixeiro-viajante estivesse na cidade.

E como desde que o mundo é mundo esse tipo de coisa acontece, o caixeiro-viajante, moço de muita lábia e elegância, um dia mudou o trajeto de suas viagens.

Nunca mais apareceu.

Esse fato poderia ter esmorecido outra moça qualquer, mas a ela, não. A moça dos urubus sempre foi diferente das outras em tudo, não só nos gostos. Expedientosa e decidida, resolveu partir atrás do amado.

Com isso foi a vez do dono do cinema, desencantado, ficar uns tempos se remoendo. Acabou com as sessões, fechou o cinema e andava pelas ruas que nem zumbi. A cidade tinha perdido o encanto.

Até que um dia resolveu também ir embora, atrás dela. Não era mesmo dali, não tinha essas raízes que prendem uma pessoa à terra onde nasceu, sentia-se livre para tentar a vida em outro lugar. Vendeu tudo, a beneficiadora de arroz, o prediozinho do cinema, e partiu no mundo.

Ninguém sabe até hoje se algum dos três acabou encontrando o outro, e se dois deles acabaram ficando juntos, ou se ficou cada um pro seu lado, nesse mundo de Deus.

Nem se algum dia teve algum final feliz nessa história.

Mas deve ter tido, pelo menos pra moça. Ela era desse tipo de gente que não ia se aquietar enquanto não conseguisse um.

UM CASO DE HERANÇA E CASAMENTO



Essa cidade já teve muita gente rica. Fazendeiros de grandes propriedades, terras a perder de vista, gado, plantações. Ainda tem, mas antes tinha mais.

Você olha assim e nem parece, porque o povo daqui nunca foi muito de se exhibir. É gente que dá valor sobretudo à terra e não se importa muito com os enfeites, as aprontações. Não sei se isso é qualidade ou defeito, sei que é assim. Pensando bem, deve ser qualidade não ligar pra ostentação, mas, por outro lado, por causa desse desapego, as casas da cidade são muito simples, sem grandes bonitezas. São casas boas, confortáveis, mas sem preocupação com arte nem grande beleza.

Foi assim desde sempre, parece. Com poucas exceções.

Uma dessas exceções era a casa de Serafim Cipriano, que, tempos atrás, foi o fazendeiro mais rico daqui e gostava de ser diferente: mandou construir uma casa muito grande, muito bonita, imitando as casas do Rio de Janeiro.

Escolheu um terreno que dava bem de frente pra serra porque queria deitar e acordar podendo ver aquele monumento verde que parecia feito a mão. Queria poder olhar a serra a qualquer hora, e pensar que era dele.

Quando lhe disseram que o terreno não era bom pra construção, ele disse: "Não importa, eu quero uma casa que se durar enquanto eu durar está bom".

E foi isso mesmo que aconteceu: logo depois que ele morreu, deu uma praga de formiga que acabou com as madeiras do alicerce e o casarão veio abaixo. Só restaram detalhes, como um belíssimo lustre de cristal, uma porta torneada de madeira de lei, as maçanetas transparentes, essas coisas.

Esse homem era diferente também por outro motivo: não tinha herdeiros. Era riquíssimo, e não tinha filhos. Não queria. Não queria ter que dividir sua fortuna. Dizia que no momento certo teria um filho homem, um só.

Mas não era por não querer casar nem ter filhos que ele deixava de ser um grande namorado, galanteador e experiente. Tinha mulheres espalhadas por várias cidadezinhas. Aqui, na cidade onde morava, namorava dona Olívia, mocinha que de ingênua, que eu saiba, não tinha nada.

Naquela época, Serafim Cipriano gostava de ser diferente até para namorar. Por isso, aprendeu a usar a linguagem das flores. Então, por exemplo, se queria marcar um encontro com dona Olívia, num lugar conhecido só deles, deixava um ramo de crissântemos brancos e amarelos no beiral de sua janela. Se a via impaciente, arfante, deixava um ramo de cravos vermelhos para dizer "meu pobre coração bate junto com o seu". Se a via começando a ficar um pouquinho desiludida de tanto esperar, deixava um ramo de campainhas, florezinhas roxas miúdas que significam um pedido de perseverança e paciência.

E assim ia o namoro.

Os anos foram passando e a casa de dona Olívia devia estar sempre muito perfumada e enfeitada, pois com certeza ele deixou foi muitos ramos de campainha roxas na janela da amada. Só mesmo com perseverança dava pra aguentar namoro tão prolongado!

Uns dizem que, na verdade, ele gostava mais de outra moça, meretriz da capital, a quem visitava religiosamente, de três em

três meses. Outros dizem que não, que o amor dele sempre foi dona Olívia.

Seja como for, um dia ela ficou grávida. Foi mais ou menos pela mesma época que se descobriu também que ele estava tuberculoso, doença que, dizem, pegara da tal amante da Capital. A tuberculose veio forte e ele praticamente passou seus últimos meses de cama.

No dia em que o filho nasceu, Serafim Cipriano, embora já fraco, ergueu o menino nos braços e lhe disse:

“Você vai ser o homem mais rico desta região. Não porque eu seja o mais rico, pois seu Fidélio é tão rico quanto eu, mas é pai de dez filhos. Eu, de filho, só tenho e só terei você. Toda minha fortuna ficará só para você, do jeitinho que planejei”.

Ainda assim, não tomou nenhuma iniciativa de se casar. Dona Olívia, no entanto, quando viu que ele estava à beira da morte, deu um jeito de resolver a situação em que estava, de mãe solteira, e se casar *in extremis*.

Aqui também as versões são diferentes: uns dizem que ele casou querendo e, portanto, o casamento foi como deveria ser. Já outros dizem que não: que ele estava já sem poder falar e quando o padre perguntou “O senhor deseja receber dona Olívia como sua legítima esposa?”, ele balançou a cabeça pra baixo porque queria espantar um mosquitinho que tentava pousar em sua testa de moribundo, e esse gesto é que foi entendido como o “sim” que ele nunca disse.

Eu conto as duas versões pois não tenho como saber qual foi a certa.

Agora, o que ele morreu sem saber foi que tinha passado a doença terrível para o filho recém-nascido. O nenezinho morreu de tuberculose poucos meses depois.

Resultado: a tal da riqueza dele, que não era pra ser dividida com ninguém, foi parar nas mãos dos irmãos de dona Olívia, moça de uma família muito unida e grande, de sete mulheres e dois homens.

Naquela época, família cheia de mulheres como essa era um problema sério. Mais ainda porque, no caso, o pai já havia mor-

rido, deixando a mãe, dona Umbelina, com essa enorme inquietação: como casar suas filhas? Com o dote dado pela irmã, até que ficou mais fácil; mesmo assim, era mulher demais para encaminhar.

A pobre dona Umbelina tentava tudo que podia tentar. Ficava de olho em toda possibilidade que aparecesse. Solteiro que se aventurasse pela cidade, ela mandava averiguar quem era. Perguntava, especulava e, se achasse que daria um bom marido, começava o assédio.

Mandava chamar para um café com biscoito. Punha a mesa farta, para dar boa impressão: leite, café, chá, biscoito de queijo e de polvilho, bolo de arroz, bolo de fubá, queijo fresco, requeijão, doce de leite, rapadura, moça-bela, que era um tipo de rapadura batida meio puxenta, tirada antes de endurecer, a cor de um dourado quente que chegava a brilhar. Um doce muito bonito, mas doce demais, enjoativo, que hoje quase não se vê, mas antes tinha em toda casa.

Se dona Umbelina gostasse das maneiras do moço e da conversa, continuava com seus estratagemas que, quase sempre, incluía uma festa-baile em sua casa.

Seu filho mais velho era dono da venda onde ela mandava buscar as garrafas de vinho para a festa. Muito mal-humorado, ele não gostava nada de ver aquilo, aquele oferecimento das irmãs, mas obedecia porque dona Umbelina não era mulher de precisar falar duas vezes a mesma coisa. E também porque, no fundo, sabia que a mãe tinha razão: era preciso fazer o possível e o impossível praquele mulherio todo encontrar um rumo na vida. Naquela época, mulher que ficasse pra tia, como poderia ser feliz?, era o que todo mundo pensava.

Hoje, não, os tempos felizmente mudaram, e a vida de uma mulher não depende de um homem, até às vezes muito pelo contrário. Mas naquele tempo era assim.

Uma vez, dizem que o filho, contrariado, resmungou para o empregado que tinha vindo buscar as caixas de bebida pra festa:

"Que coisa! Fala pra mãe que a casa dela tá parecendo um bordel!".

Mas quando o empregado já ia saindo pra dar o recado, ele, arrependido, chamou o rapaz de volta:

"Olha, não diz nada não, que não quero chatear a mãe. Mas que tá parecendo tá".

Em uma dessas festas, sua irmã caçula, Ana Abadia, se apaixonou por um tropeiro de Uberaba, chamado Antenor, de passagem pela cidade.

Rapaz bonito, educado, mal chegou à cidade, dona Umbelina, como sempre fazia, foi se informar quem ele era. Sabendo que era de boa família e muitíssimo trabalhador, convidou-o para um de seus bailes.

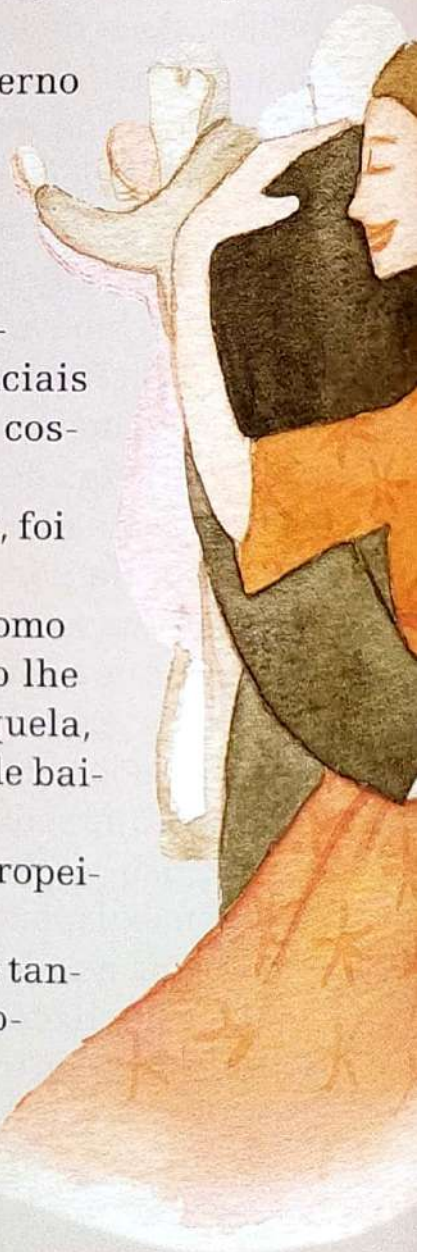
Finíssimo, educado, Antenor chegou de terno branco e se encantou com Ana Abadia, moreninha tipo *mignon*, de grandes olhos castanhos. Logo convidou-a para dançar. Para não ter perigo de deixar nenhuma mancha de suor em seu vestido vermelho, tirou do bolso da lapela o lenço de cambraia com suas iniciais e colocou-o sob a mão antes de apoiá-la nas costas da mocinha.

Tal gesto, que o povo dali nunca vira antes, foi considerado o supprassumo da finura.

Ana Abadia sentiu seu coraçãozinho bater como sino de igreja quando, ao se despedir, o moço lhe disse que fora uma noite de encantamento aquela, e que jamais esqueceria a honra e felicidade de bailar com moça tão bonita.

Pra quê! A partir daí ela não tirou mais o tropeiro da cabeça.

Dona Umbelina aprovou a escolha da filha e tanto fez que conseguiu saber o paradeiro do jovem que, no dia seguinte, já tinha deixado a cidade. Enviou-lhe uma carta, contando a



impressão que deixara na filha, moça muito direita, prendada e pronta para o casamento.

Antenor respondeu com a cortesia, educação e grande fineza que fizeram sua fama na cidade. Disse que se sentia muito honrado, que apreciara por demais as graças da moça, mas lamentavelmente não tinha condições financeiras de se casar naquele momento. Não gostaria, absolutamente, de assumir um compromisso que não poderia cumprir da maneira como achava que deveria ser cumprido. Não poderia dar a tão preciosa moça os confortos que ela merecia e, portanto, lamentava muitíssimo mas era de seu dever confessar que não poderia corresponder a tão honroso pedido.

Dona Umbelina deixou o tempo passar. Disse à filha que era assim mesmo, que tudo na vida é preciso muita paciência e persistência para alcançar.

Seis meses depois, escreve outra carta, dizendo que a filha, moça honesta, apaixonada e determinada, não tinha olhos para outros pretendentes. Muitos apareciam, que moça prendada assim era difícil de encontrar por essas e outras bandas, mas eram todos recusados. O amor a flechara e, de índole fiel e leal como era, não havia meio de se interessar por outro.

Antenor, mais uma vez, fez uso de sua finura e cortesia características, para escrever outra resposta, no mesmo teor da primeira, esclarecendo que, muito lamentavelmente, ainda não tinha condições financeiras de assumir compromisso com moça que, como Ana Abadia, merecia tão mais do que ele, humilde trabalhador, poderia oferecer. Mortificado, não via outra solução a não ser declinar a imerecida honra de ser seu preferido.

Mas quem achasse que, depois disso, dona Umbelina ia esmorecer é porque nem de longe a conhecia.

Outra vez explicou à filha que assim era a vida e deixou passar mais um tempo antes de escrever uma terceira carta, agora com proposta um pouco diferente. Começou dizendo que compreendia perfeitamente as dificuldades de um começo de vida e, como sabia reconhecer as qualidades em quem as tinha, como era o caso do noivo escolhido pela filha, ela agora lhe faria um oferecimento irrecusável: estaria disposta a sustentar o casal por um ano, prazo razoável para um marido trabalhador se estabelecer na vida. Tinha certeza que Antenor saberia honrar aquela escolha e lhe dava sua palavra de honra de que ele não se arrependeria.

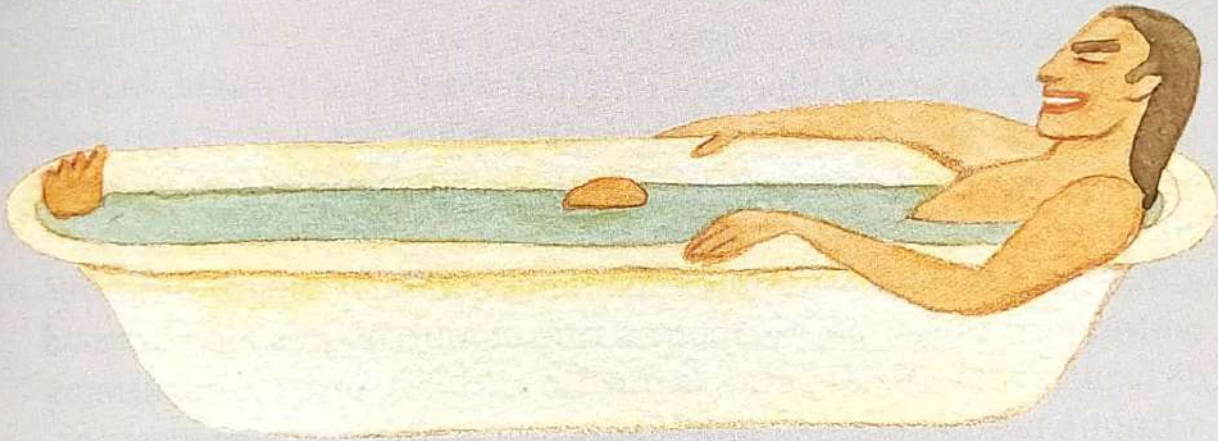
Dessa vez, o moço, não encontrando nenhuma maneira fina e cortês de continuar na recusa, achou melhor aceitar.

E a verdade é que a palavra de honra de dona Umbelina foi cumprida e esse casamento deu certo que foi uma beleza. O casal se entendeu perfeitamente e foi muito feliz e abençoado com muitos filhos e muita saúde.

Financiado pela sogra com o dote da esposa – uma parte da herança de Serafim Cipriano –, em pouco tempo esse jovem tropeiro se estabeleceu mesmo, e tão bem, que se tornou mais rico até do que o seu concunhado morto de tuberculose.

Basta dizer que hoje, seus trinetos, ou seja, a quarta geração de seus herdeiros – e a família sempre foi de prole numerosa – estão todos aí, com fazendas, gados e plantações. Ainda vivem – e muito bem – das terras que seu Antenor deixou.

A SINA DA IGNORÂNCIA



Tem umas coisas que acontecem que, sei não, é até difícil explicar.

Como o que aconteceu com o capanga de confiança de seu Fidélio.

Esse Fidélio era aquele fazendeirão que, ao lado de Serafim Cipriano, foi o mais rico da região, na época. Mas, esse, de bonzinho não tinha nada. Esse ficou rico não foi com trabalho mas com maldades, grilagem de terra, muita exploração, essas coisas que enriquecem muito, e depressa. Vivia aprontando por aí, roubando gado dos outros, montando tocaia, maldando.

Para fazer tudo isso, precisava viver cercado de capangas. Quando alguém via uma nuvem de poeira levantando lá longe na estrada, já podia saber que era seu Fidélio chegando com sua tropa, pois ele gostava de entrar na cidade assim, mostrando importância, como se seu prestígio estivesse na quantidade de poeira que fosse capaz de levantar.

Quando via aquela poeirama toda, o povo da cidade corria pra fechar as janelas, tanto pra poeira não entrar nas casas como por um tiquinho de medo de homem tão malfalado. Por via das dúvidas, preferiam ficar longe de seu Fidélio e sua tropa de capangas.

Entre esses capangas, tinha um que era pistoleiro famoso, conhecido como o de pontaria mais certa já vista. Diziam que era capaz de acertar um botão a sei lá quantos metros de distância. Que via no escuro, como coruja. E que era de uma coragem de assustar, enfrentava Deus e todo mundo. Não tinha maldade que se recusasse a fazer.

Com tantos predicados, seu Fidélio fez dele seu homem de confiança. Colocava em suas mãos os piores malfeitos e os mais secretos. Era ele o encarregado de tudo de ruim que o patrão queria fazer.

Assim, com o passar do tempo, ele foi sabendo com detalhes de tudo sobre seu patrão, coisas que as outras pessoas apenas desconfiavam. Diziam que, se um dia ele fosse preso e desse com a língua nos dentes, seu Fidélio é quem acabaria na prisão perpétua.

Com tudo isso, essa confiança toda, essa segredama que só ele sabia, o tal capanga foi se achando bom demais, pensando que o patrão estava cada vez mais nas mãos dele. Não raro é isso que acontece em casos assim, quando o empregado fica sabendo coisas demais do patrão. A relação parece que fica meio invertida, de cabeça pra baixo.

E contam que esse capanga, aos pouquinhos, começou a faltar com o respeito e tomar uma série de liberdades. Entrava na casona da fazenda como se fosse o dono. Continuava sentado encarpachado na poltrona ou de pernas pra cima, quando seu Fidélio entrava. Não ficava mais calado quando o patrão falava, e questionava esse detalhe ou aquele, ou soltava uma das risadas cínicas que sabia soltar.

Em suma, o comportamento dele foi ficando um acinte para o patrão. Era como se achasse que não era mais seu Fidélio quem mandava nele, mas ele quem mandava no seu Fidélio.

E o patrão só fingindo que nem estava vendo, mas por dentro, cada vez mais tiririca.

Um dia aquilo parece que sopitou. Foi quando seu Fidélio chegou em casa e o encontrou tomando banho na banheira dele. Na

grande e bela banheira branca de pés dourados que ele mandara vir especialmente do Rio de Janeiro! Lá estava o dito-cujo todo pelado, se esbaldando na água cheia de sabão.

Onde já se viu uma coisa dessas?!

Foi demais pra seu Fidélio! Ficou verde de raiva mas não disse um ai! Virou as costas, montou no seu cavalo e saiu cavalgando pra desanuviar a cabeça, pois se tinha uma coisa que seu Fidélio não era, era besta. Sabia que no pé em que estavam as coisas, tinha que ter um plano dos bons, muito bem urdido, para enfrentar um homem daquele porte e conhecimento.

Só que o injuriado do seu Fidélio ainda não sabia do pior. Que o capanga andava se engraçando pro lado de uma de suas filhas, a mais novinha, seu xodó, Antoninha.

Começou a se dar conta disso quando, uma tarde, viu o capanga levar pra mocinha uma cesta cheia das laranjas da bica. Eram as laranjas mais saborosas e doces, que cresciam regadas pela água cristalina da bica da fazenda. Ele achara engraçado quando um velho empregado viera lhe contar, alguns dias antes, que bastara ouvir sua filha dizer que adorava as laranjas do pé da bica para que o capanga proibisse que alguém mais triscasse naquele pé. As laranjas apodreciam, mas ninguém podia pegar. Eram só para Antoninha.

Seu Fidélio não maldara na ocasião mas agora, ao ver o jeito dengoso e o sorriso e as medidas com que ele entregava a cesta de laranjas pra menina e, pior, ao ver o jeito com que a menina a recebia, o sorrisinho que retribuía, o olharzinho de viés, mal conteve o espanto.

Mas a verdade é que a menina, vendo aquele interesse e atenção de capanga tão poderoso, foi ficando vaidosa e aos poucos começara a retribuir. Afinal, era homem importante, mão direita do pai. E era bonito, ainda por cima, e ainda jovem, pelo que diziam, e devia ser mesmo porque se fosse dos feios era capaz que esse enamoramento todo não acontecia! Cabelão preto escorrido, amarrado atrás, jeito firme de homem acostumado a ter tudo que quer, olhar preto de graúna que não treme frente a

nada, mãos grandes. Enfim, essas coisas de homem bonito que todo mundo sabe como é.

Quando seu Fidélio viu aquilo, virou uma fera! Que audácia inimaginável a daquele bandido! Ter coragem de erguer os olhos para uma filha sua!

Agora, sim, o capanga acabara de assinar sua sentença de morte. Não havia mais escapatória.

Como não era homem de sangue quente, no entanto, era frio e calculista, seu Fidélio sabia esperar e preparar o melhor momento do bote. Tinha ciência de que o bote deveria ser muito bem preparado, porque o cara era duplamente perigoso. Tanto pela pontaria e valentia como pelo que sabia.

Seu Fidélio decidiu que a primeira coisa a fazer era afastar a filha. Pretextou uma viagem da família para visitar uns tios na Capital. Preparou tudo como se fosse uma visita de poucos dias e enviou Antoninha acompanhando a mãe e dois irmãos, com ordens expressas e secretas de não parar na Capital, mas tomar o rumo de São Paulo, sem falar com ninguém. E lá ficar, na fazenda de um compadre, até ele mandar chamar de volta.

Só que a filha, mocinha esperta, percebeu o ar de conspiração do pai e abriu os ouvidos. Pra falar claro, não só abriu os ouvidos como se pôs a escutar atrás das portas pra ouvir o que o pai tanto cochichava com a mãe e os irmãos. E o que ouviu foi o plano de afastá-la, e os motivos para isso.

Então, sem tempo pra ter outra ideia, escreveu rapidinho uma carta pro namorado, alertando sobre a desconfiança do pai e dando o local de seu verdadeiro destino. Já era noite, mas ela disse que queria dar uma voltinha até a bica, pra tomar um gole de água fresca por causa do grande calor. Com astúcias de moça, deu um jeito de passar perto do namorado, encostado na porteira, e enfiar a carta em seu bolso, sem ninguém ver.

Mas dessa vez o santo dos namorados não ajudou, pois o benzinho dela não sabia ler.

Até que se fosse só por isso, alguém poderia ler a carta pra ele e a questão estaria resolvida. Mas capanga costuma ser gen-

te orgulhosa demais, e esse então!, era o mais orgulhoso de todos. Não pedia favor pra ninguém, nem deixaria jamais que alguém percebesse que ele não era o melhor em uma coisa, fosse lá o que fosse.

Recebeu a carta, cheirou-a, virou-a de um lado pro outro, e guardou-a no bolso da camisa, todo orgulhoso, crente que era uma carta de amor.

No dia seguinte, acompanhou a família que partia de viagem até a ponte do Rio das Almas. Foi altaneiro, convencido, seguro de si. Achou que os olhos indagadores e preocupados de Antoninha eram olhos de saudades.

E nessa soberba ficou.

De vez em quando, tirava a carta do bolso, abria, cheirava outra vez, virava de um lado pro outro, abria, fechava, abria de novo. Ficava olhando o fio escuro que ia e vinha naqueles desenhos de bolinhas e tracinhos e pontinhos no papel branco. Até que tentava ver se dava conta de decifrar alguma coisa, mas em vão. E olha que era letra bonita de moça, não era garrancho não!

O tempo foi passando e ele esperando a volta da moça, desavisado, sem suspeitar de nada. Distraído como andava, não atendeu para os preparativos do patrão. Não viu a emboscada preparada por capangas que seu Fidélio mandara contratar fora, pra não correr risco de delação.

E assim morreu, um belo dia, depois de tomar um banho caprichado de banheira e se sentar na varanda, na cadeira de balanço do patrão. Morreu sem glória e na mais completa ignorância.

Por sua vez, Antoninha, sem receber resposta de sua carta, e vivendo as inconstâncias e alvoroços de seu coração adolescente, não tardou a se apaixonar por outro, um paulista. E com ele dizem que casou e por lá ficou.

Acho que nunca ficou sabendo da triste sina de seu benzinho ignorante.

O NOME DO RIO DAS ALMAS



Teve uma mulher, do tempo da escravidão, que diziam que tinha um pacto com o Coisa-Ruim, o Diabo, o Chafunço, o Não me Toques.

Era uma mulher muito inteligente, que sabia ler naquele tempo que quase ninguém sabia, e tinha um Livro de Feitiços, um livro da altura de um homem, escrito com tinta preta em páginas púrpuras, invisíveis aos olhos profanos. Se alguém chegasse lá e abrisse o livro, não conseguiria ler nada, pois não seria capaz de ver as letras.

O marido dela era o Labatute, ou o Pé de Garrafa: um monstro com forma humana, mas com algumas diferenças. Os pés eram redondos – por isso deixavam uma marca redonda por onde passava –, os cabelos compridos e saranhados, o corpo cabeludo – que nem aquele pobre do vizinho do seu Marcelino. Quem viu de perto dizia que, debaixo do cabelão todo, tinha só um olho, no meio da testa, e que os dentes eram enormes, como presas de elefante.

Como era muito esperta e culta, doutora em demonologia, essa mulher conhecia de cor e salteado todos os diabos e suas cortes. Sabia direitinho as hierarquias do inferno, que era pra não ofender nenhum. Contava que a Corte Infernal era composta de, pri-

meiro, Os Príncipes, segundo, Os Ministros, terceiro, Os Embaixadores, quarto, Os Conselheiros da Justiça, e quinto, Os Espíritos Triviais.

É que eu não me lembro direito, mas cada um tinha sua subdivisão, uma coisa complicada, e tudo tinha que estar certinho, cada um em seu lugar.

Por exemplo: os capetas, de quem a maioria tem mais medo porque são os que aparecem mais, na verdade são os demônios inferiores, com poucos poderes. São vermelhinhos, horrorosos, de rabos curtos, sempre carregando um tridente; são especialistas nas pequenas maldades, nas tolices banais. É até bobagem ter medo deles.

Tem os condenados, que nem aparecem; os demônios de pesadelos, que só assustam mas são proibidos de fazer qualquer coisa fora dos sonhos; os demônios disfarçados, mas esses são poucos. E tem os exércitos e as hordas. São 127 legiões, cada uma com 37 coortes, com seus comandantes e chefes e subchefes. Além das hordas, que são os bandos indisciplinados e não têm um número certo.

É gente que não acaba mais.

Essa velha vinha pouco à cidade. Não gostava de vir porque era só ela aparecer na esquina que todo mundo corria e punha alguma coisa de cobre na porta da casa, pois cobre é o metal básico na arte da magia, o talismã que impede a Coisa Ruim de se aproximar. E começavam também a jogar água benta nela – que todo mundo tinha um vidrinho de água benta em casa, pra casos de precisão, hoje não sei se tem mais –, a fazer o sinal da cruz e levantar um crucifixo, que são as armas para afugentar o diabo.

Então, por tudo isso, ela se sentia rejeitada e não gostava de passear por aqui.

Mas parece que o povo era injusto com ela, que, apesar de saber das coisas do inferno e gostar de feitiços, não era de fazer maldades. Ficava lá no seu canto, estudando, pelo prazer de saber, mas não de praticar. E tampouco era lá muito boa de feiti-

ços. Quase nunca conseguia fazer um feitiço direito e, quando fazia, não era pra prejudicar ninguém. Ou eram coisas inofensivas ou era até tentando ajudar alguém.

Teve o dia, por exemplo, que ela tentou criar uma criatura pra fazer de escravo e emprestar pra quem precisasse, mas só conseguiu criar um gato preto, que ia com ela pra tudo quanto é canto, mas não sabia fazer nada, e ninguém queria, nem emprestado nem dado.

E teve o dia em que ela deu o nome ao Rio das Almas.

Porque até então aquele era um rio sem nome. Era um rio bonito, mas assim meio comum. Tinha suas correntezas, com trechos de redemoinhos, e outros trechos tranquilos, mas nada daquelas grandezas que certos rios têm, de chamar a atenção.

Não.

Sempre foi um rio bonito para quem gosta dele, mas não de atrair grande admiração. Tem uns remansos bonitos cheios de garças, tem outros com umas prainhas engraçadinhas nos tempos da seca, mas isso quase todo rio tem. E suas águas têm aquela cor avermelhada, de aluvião; poucos são os trechos com águas mais escuras ou mais claras, as mais bonitas.

Mas aí acabou acontecendo o que sempre acontece: um foi e pegou gosto por aquela parte do rio que tem um remanso e forma uma prainha; o outro começou a achar bonito aquele trecho da ponte onde o rio faz uma curva; já outro ficou gostando daquele pedaço onde os galhos das árvores da beira se debruçam, quase tocando as águas e formando um poço bom pra nadar e saltar; outro gostou de um trecho mais pra frente que era também o preferido dos peixes.

E assim por diante.

O povo pegou amor pelo seu rio e hoje não o troca por nenhum outro. Nisso, o povo até que é sábio: quase sempre aprende a apreciar o que tem, o que aprende a conhecer melhor, pois parte do amor vem do conhecimento.

Então, aquele ficou sendo um rio querido só que ainda não tinha nome. Era só "o rio".

A velha passava por lá todo dia e ficava matutando naquilo.

Tudo tem que ter um nome. Até os diabos têm nomes porque ter nome é importante para qualquer coisa: faz parte dela, é como se fosse uma roupa só pra ela, aquele detalhe pequeno que a faz única e sem o qual a coisa ainda não é aquela coisa. Mas tem que ser o nome certo, o nome adequado como a pele que cobre um corpo por inteiro, certinho, sem deixar nada sobrando. Tem que ser um nome próprio, especial. Só depois de ter seu nome é que a coisa, seja qual for, rio, bicho, gente, passa a ser o que é.

De tanto ficar andando pela beira do rio, pensando nisso, a velha descobriu um trecho muito diferente de outros trechos de rio que ela conhecia. Era um poço fundo, de águas limpinhas, e onde, ao entardecer, formava uma fumacinha branca, uma fumacinha estranha pois não dava pra saber ao certo se subia ou se descia, porque parece que era uma fumacinha que fazia as duas coisas ao mesmo tempo, ou eram muitas fumacinhas, e enquanto uma subia, outra descia.

A velha ficou estudando aquilo muito tempo até perceber que eram almas.

Aquele era o poço aonde as almas vinham tomar banho.

Na hora que descobriu isso, ela viu também que já sabia qual era o nome daquele rio. E foi mesmo o nome certo porque depois disso ele virou o Rio das Almas e ninguém nunca mais o chamou só de "rio".

O VELHO BAGUAL



Esse velho, de um tempo também muito antigo, era filho de índia, uma bugre, como se dizia, com um negro rico da região. Era um tempo em que ainda tinha índios por aqui – porque essa terra primeiro foi deles. Quando os desbravadores brancos, com seus escravos negros, chegaram atrás do ouro é que foram expulsando a tribo que vivia nessas redondezas.

Entre esses escravos que chegaram com os brancos, teve um que ficou rico – isso era raro, mas de vez em quando acontecia. Geralmente porque o escravo se sobressaía de alguma maneira extraordinária, ou porque ia conseguindo juntar ou roubar um pouco do ouro – quer dizer, roubar é modo de dizer, porque se era ele quem trabalhava e achava o ouro, aquela riqueza toda também devia ser dividida com ele. É como se diz, “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”.

Esse escravo tinha sido rei no país dele e era muito respeitado por todo mundo. Um dia, salvou a vida do patrão, que caiu na correnteza do Rio das Almas e já ia pro bebeléu, enroscado num galho, quando ele, que era forte como um touro e de coração generoso demais, pulou atrás e conseguiu tirar o homem quase morto.

Agradecido, o patrão lhe deu a alforria. Ele foi morar num lugar aí pros matos, bem distante de tudo. Foi quando ficou conhecendo a mulher índia e se casaram e tiveram um filho.

No fundo do mato, onde eles passaram a viver, ele dava abrigo pra tudo quanto é negro, alforriado ou não. Aos poucos, foram criando roçados, limpando o terreno, erguendo umas casinhas.

Resultado: o lugar começou a ser conhecido como refúgio de negros e as autoridades da região acabaram organizando uma investida pra recuperar os escravos fugidos.

Foi aquele deus nos acuda, aquela mortandade. O menino viu o massacre dos negros e dos índios, inclusive a morte da própria mãe. O pai não conseguiu salvar a mulher, só o filho. Desapareceram os dois e, durante muito tempo, ninguém mais soube do paradeiro deles.

Passou-se o tempo.

O ouro acabou. A escravidão foi abolida. Os antigos morreram. Outras pessoas nasceram. Tudo mudou.

Ninguém se lembrava dessa história quando muitos, muitos anos depois, um velho começou a aparecer por aqui.

Falava uma língua arrevesada, que uns diziam que era africano, outros que era língua de índio, outros que era uma mistura dos dois com um pouco de português e um pouco de língua de bicho. Se ele falasse bem devagar, e a pessoa prestasse bastante atenção, dava para entender alguma coisa.

Com isso, o povo começou a conjecturar que era capaz dele ser o filho daquele escravo-rei, porque pelo jeito físico, a cor da pele, o repuxado dos olhos, e por não ter pelo nenhum no corpo, parecia ser cafuzo, filho de preto com índio. Tinha o cabelo pixaim, pretinho, pretinho, apesar de já ser um velho, bem comprido, amarrado na nuca.

Descobriram que ele morava numa caverna nos cafundós da serra, no meio dos bichos, mas ninguém nunca chegou muito perto. Não por medo dele, que bicho do mato mais manso que aquele velho era impossível, mas porque era um lugar difícil de

chegar, nas grimpas de umas pedras. Só ele e seus bichos conseguiram.

No leito do riacho que passava perto dessa caverna, um riacho puríssimo, cristalino, onde dava pra catar uma agulha se ela caísse no fundo, era de onde ele recolhia, no meio da areia branca, pedaços de mica, pó de ouro e pedras redondas de quartzo branco, as coisas que trazia pra trocar na venda. Seu Juvêncio, que era o dono da venda naquele tempo, um velho de alma muito boa e aberta para os acontecimentos da vida, achava as pedras bonitas, e concordava em fechar negócio assim.

Mas só muito de vez em quando é que ele vinha à cidade comprar o que lhe fazia falta, que era pouca coisa. O Velho sabia tirar da terra tudo de que precisava: o sal, o óleo, a comida, etc. De vez em quando, junto com as pedras, trazia uns pequis danados de graúdos, cheirosos e de polpa grossa, e umas guariribas que, francamente, melhores nunca ninguém vira.

Ele trocava essas coisas por um pedaço de chita e por colares.

Foi por isso que o povo começou a dizer que eram coisas pra mulher dele, que era uma onça. Uma onça bonita, dessas pintadas, de pele brilhosa, que não entrava na cidade mas ficava lá na beira da estrada, esperando por ele.

Agora, eu vou lhe dizer uma coisa: pela idade que tenho, e pelas coisas que já vi na vida, aprendi que quase tudo é possível nesse mundo de Deus e dos homens, então pode ser que isso de mulher-onça seja verdade. Mas é como também já lhe falei, às vezes o povo exagera.

Portanto, é mais uma coisa que não vou dizer nem que sim nem que não.

Ele entrava na cidade sem olhar pros lados, só reto, direto em frente, mas dava pra ver que todos os seus sentidos estavam alertas. Não demorava nada. Vinha, entrava na venda, trocava as coisas, ia embora. Até os moleques, que gostam tanto de provocar o desconhecido, o diferente, o que não entendem, não se aproximavam muito. Seguiam de longe, com os olhos, assombrados, porque nunca tinham visto nada parecido. A figura do Ve-

lho tinha alguma coisa especial que despertava admiração ou respeito, ou os dois. Era algo de imponente, de majestoso, talvez herdado do pai-rei, ou do reino dos animais.

Quem quisesse conversar com ele tinha que procurá-lo no mato, perto das suas coisas, que era onde se sentia em casa e se sentava um pouco.

E quem conseguia prostrar com ele, depois vinha contar que o Velho era um sábio. Conhecedor de coisas que até Deus duvida! Que achava viver com bicho melhor do que viver com gente, pois não via entre os animais tanta maldade como entre os humanos. E que levava com ele três cruces: a cruz da perda, a cruz do sofrimento e a cruz do esquecimento.

Achei isso tão bonito, essas três cruces, que nunca esqueci. Mas ainda tem mais coisa.

Um dia chegou na cidade um circo desses pobrezinhos que de vez em quando aparecem por essas bandas. Os artistas todos muito magros, com cara de quem há tempos vêm passando fome. A lona cheia de buracos, as fantasias desenxabidas e com a graça há muito perdida.

Tudo velho, feio e sujo. Até o pobre do leão. Um leão macilento, sem dentes, que era só ossos, as muxibas da pele caindo que nem pele de gente muito velha.

Pois não é que esse leão, abatido desse jeito, arranhou um jeito de fugir do circo e se embrenhar pelas matas da serra?

Um bando de gente saiu atrás dele, procuraram até não poder mais. Os boatos correram, que tinham visto o bicho praqueles lados de lá, ou mais pra frente, ou na beira do Rio das Almas, e lá ia o bando pra conferir os boatos, numa animação danada. Juntou foi muita gente da cidade pra ajudar o pessoal do circo a procurar o leão na serra.

Todos pareciam achar que estavam na África: eta povinho que gosta de uma novidade! Mas não acharam nem rastro, como se a terra tivesse engolido o leão cansado. O animal tinha se escafedido, como se diz.

Acabaram desistindo.

Muito, muito tempo depois, o circo já tinha ido embora, o povo já se esquecera da história, quando de repente alguém vê o Velho Bagual entrando pela rua do Rosário e com ele um bicho que de longe parecia um cachorro grande. Quando foram chegando perto, deu pra ver que era o velho leão do circo.

E foi aquela correria, o povo entrando pra dentro das casas, fechando as portas pra ficar olhando pelas frestas das janelas. Mais por farra, porque todo mundo sabia que aquele leão velho não era de nada. Mas achavam que era melhor prevenir do que remediar, pelo menos até ver em que pé estavam as coisas.

O Velho, então, passou tranquilinho, com o leão do lado, naquele andar pra frente dele, direto pra venda. Seu Juvêncio, que não era homem de fingir um medo que não sentia, foi o único que deixou a porta aberta, mas, quando viu a cabeçorra do leão aparecer entre o batente, avisou pro Velho:

“Bons ventos o tragam, compadre. Mas entre só o senhor, que a casa é sua, mas não do seu leão, que não admito entrada de bicho no meu estabelecimento”.

O Velho fez um gesto na cabeça do leão, que se deitou ali na calçada, que nem cachorrinho. Ficou lá esperando o tanto que foi preciso, deitadinho. Não vê que era mesmo um leão manso e ensinado de circo?

Tinha se apegado ao Velho, que lhe dava comida – pois como é que ele iria caçar sem dentes?

Essa história dos dentes ficou-se sabendo depois. Só podiam ter sido arrancados por gente. Dente de bicho não cai fácil e animal selvagem só perde os dentes quando morre, por que senão como vai sobreviver na selva sem dentes pra caçar?

Deve ter sido por maldade que arrancaram os dentes do pobre. Só não se ficou sabendo se foi por maldade do ser humano, ou se foi castigo por maldade feita pelo próprio leão, antes de virar manso.

Por muito tempo, fiquei imaginando como é que o Velho Bagual alimentava aquele leão. Triturando as coisas antes de enfiar pela goela dele? Amassando tudo bem amassadinho como se fizesse um mingau?

Desde então, era sempre assim quando ele vinha à cidade: entrava acompanhado do velho leão manso, enquanto a onça bonita, com seus colares, ficava esperando na beira da estrada.

Quanto a essa onça, não sei se era por ser mansa ou não, só sei que também não atacava ninguém: nem bicho nem humano.

E o fato é que os bichos gostavam muito do Velho Bagual. Era como se fosse um deles.

Todo dia, de tardezinha, perto da caverna onde morava, vinha aquele pássaro maestro, o tangará, com sua turma. Você conhece esse pássaro? Ele vem e pousa no galho de uma árvore. Logo vem outro e outro, dúzias deles, e pousam no galho da frente. Ficam esperando aquele primeiro, o maestro, sacudir as asas e dar uns pulinhos, que é o aviso pro concerto começar. Então, começam todos a trinar em coro, acompanhando os pulinhos e as asinhas do maestro. Perto da caverna dele, todo dia acontecia essa orquestração.

Contavam também a história do macaco-vigia. Esse macaco é o que fica encarregado de dar o alarme se algum humano aparece quando um bando de macacos está atacando uma plantação. Quando o vigia não cumpre direito sua tarefa, paga caro depois, pois leva uma surra dos companheiros que, por culpa sua, foram flagrados no roubo. Mas aí diziam que o macaco-vigia corria pra perto do Velho Bagual, que não deixava os outros chegarem para o castigo.

E falavam das cobras que viviam em volta dele. Quem conseguia chegar mais perto da caverna contava que dava pra escutar uns assovios surdos, assim como um cicio, parecendo conversa dele com as cobras. Era como um barulhinho de chicotinho estalando, as linguinhas das cobras saindo pra fora, ziiiipp... ziiiipp..., e a dele respondendo, zaaapp...zaaapp! Uma conversa animada.

E a dança das lagartixas, então!

Diziam que nas pedras em volta da caverna, nas tardes bravas de sol, tinha como que um corre-corre de lagartixas, que parecia uma dança de quadrilha. Um bando delas, naqueles mo-

vimentos ligeiros de lagartixas, passava formando riscos de luz nas pedras ao sol, um brilho pra cá, ziuuuup.....outro brilho pra lá, ziuuuup brilhos que vão e que vêm, pra lá e pra cá, ziuup ziuup.....Uma lindeza.

Quem viu, diz que nunca viu nada mais bonito.

Agora me diz, por que um homem desses ia querer viver na cidade?

Faz tempo que ele não aparece. Alguns dizem que ele morreu, porque não veem mais sinal dele. Outros dizem que não, que qualquer dia desses ele entra por aí de novo. Que um velho desses não é de morrer assim.

Quem diz isso é o mesmo povo que jura que ele é sábio e curador. Que já curou muita gente com as ervas que prepara. Cobreiro, picada de cobra, tosse espumante, catarro preso, tudo isso ele curou. Dizem que até já fez milagre. Se continuar assim, um dia ainda acabam dizendo que ele é santo milagreiro. Aí não vão mais chamá-lo de Velho Bagual, mas de Santo Bagual.

Não duvido nada, viu?

Pois se até velas já acenderam no caminho da caverna dele!

O JUIZ E A RODA DE COMUNISTAS



Essa cidade já teve um juiz muito bom, muito direito, muito estimado.

Ele se casou sabe com quem? Com uma ex-namorada de um tio seu, o Damasceno, que foi passar uns tempos fora, no Rio de Janeiro, e pediu para um grande amigo dele, que era justamente esse juiz que ainda não era juiz, era recém-formado em Direito, que cuidasse da namorada por ele.

Que ficasse de olho nela, essas coisas.

E o rapaz ficou mesmo e ficou tanto que acabou se casando com ela.

Aí quando Damasceno voltou, eles ficaram uns tempos brigados, mas depois entenderam que nessas coisas do amor não é a vontade que manda, mas o coração que não tem dono, nem freio nem nada, e voltaram a ser amigos de novo. Só que nunca de frequentar um a casa do outro, isso não. Isso eles perderam pra sempre.

Pois bem.

Esse juiz era adorado por aqui. Moço bom, simpático, tratava todo mundo muito bem e era de uma sabedoria pra julgar que só vendo.

Demanda de terra, por exemplo, que é uma das que mais tinha por essas bandas, pois quanto mais terra um fazendeirão tem mais ele quer, parece até uma sina. E aí começava um litígio com um vizinho por um pouquinho mais de terra aqui, outro pouquinho mais ali e, quando o vizinho via, se fosse alguém desamparado, estava perdido, pois lá vinha gado do outro passando para o seu lado e acabando com sua plantação, lá vinha capanga botando cerca abaixo, lá vinha água sendo represada nas nascentes, lá vinha todo tipo de ameaças e complicações.

Mas esse juiz não titubeava. Com ele, não tinha conversa.

Por mais poderoso que fosse o fazendeiro ou o grileiro – que também já houve muito grileiro poderoso por aqui – a terra era sempre de quem estava trabalhando nela, suando ali em cima, fazendo-a produzir. E se fosse preciso pedir tropa federal, ele pedia.

Ele também fazia parte da roda de comunistas da cidade, essa roda que ficou tão famosa que vinha gente de fora só pra ver. Era um grupo que se reunia na porta da farmácia: tinha o juiz, o médico, seu tio Beraldo, o farmacêutico, o professor. Os mais cultos e letrados daqui.

Na verdade, comunistas mesmos eram poucos. Muitos estavam mais interessados na prosa boa, na novidade, essas coisas. De tardezinha, eles sentavam-se nas cadeiras que punham na calçada, assim como se fosse uma roda, daí é que veio o nome de roda de comunistas.

E ficou famosa, porque esta era a única cidade da região que tinha comunistas, veja só. Vinha gente de fora ver que bicho era aquele; e vinha gente também pedir conselhos.

Uns ficavam olhando de longe, ou passando por ali, como quem não quer nada, ressabiados, mas procurando pra ver alguma esquisitice neles, um chifre, um rabo, um olho na testa, sabe Deus o que a ignorância é capaz de criar, não é mesmo?

Outros chegavam perto pra contar algum abuso que tinham sofrido, alguma injustiça que tivessem visto, e ali mesmo alguém começava um discurso. Damasceno era um dos que ado-

rava discursar, inflamado, denunciando a fome do povo, a exploração, essas coisas que comunistas gostam de denunciar. Muitas vezes cobertos de razão.

Depois dali, alguns davam até uma passadinha na igreja. Outros iam para o ensaio da banda, como o farmacêutico que era famoso pelo violino que tocava.

O juiz, justamente por ser juiz e ter que manter sua neutralidade, na hora em que começava a discursar, preferia sair dali. Dizia que não era exatamente comunista, mas que não era só porque não podia ser, que se pudesse, se não fosse juiz, seria, pois o que a pessoa acha e pensa ninguém pode tirar de dentro da cabeça da pessoa. Então, esse era mais um motivo para ele cair na inimizade dos fazendeirões e grileiros.

Mas o que eu queria contar era das tias que criaram esse moço.

Os pais dele morreram quando ele era bem novinho, e essas tias cuidaram do menino. Eram duas irmãs: a mais velha, muito mandona e cheia de amargura, e a mais nova, meio boba, passada.

Foi só mesmo porque a natureza dele era muito boa, que ele não saiu prejudicado por essa criação que teve.

Pois a mais velha era uma cobra venenosa, uma jararaca. E era tão pão-dura que ficou famosa. Dizem que mandava a irmã até a venda do seu Baltazar comprar *uma* folhinha de couve, *uma* xicrinha de farinha de mandioca, *cem* graminhas de feijão, era assim, não estou exagerando. Era só esse pouquinho mesmo.

Seu Baltazar não tinha gosto nem de cobrar por aquela ninharia e acabava dando de graça.

As duas e o menino chegavam a passar fome em casa. Só não passavam mais porque elas sempre davam um jeito de aparecer na casa de alguém na hora da janta e aí comiam que se acabavam.

Com o menino era diferente, porque todo mundo tinha dó dele e era sempre chamado pra comer na casa de um ou de outro ami-

go. A mãe de Damasceno, por exemplo, todo dia convidava o amigo do filho para o almoço.

E você acha que elas eram pobres? Que nada! Eram riquíssimas!

Um dia, quando o juiz ficou noivo, teve que convidar a família da noiva para conhecer as tias. E elas disseram que ofereciam um lanche.

Você sabe qual foi o lanche?

Um biscoitinho de queijo contadinho para cada um, unzinho só, e um pedacinho de rapadura pra dividir. Virou até galhofa da cidade.

Pois essa velha pão-dura tinha verdadeira implicância com os comunistas.

Vivia inventando histórias sobre eles, que escutara um dizer que ia matar o fazendeiro tal, ou que ia tomar todas as terras da dona fulana, que ia distribuir os gados de seu beltrano entre os vaqueiros dele, que escutara tudo isso, e mais. Que tinha dado no rádio que os comunistas todos deviam ser presos, e então por que não se prendiam logo esses comunistas daqui? Que o padre tinha dito que o papa lá de Roma já excomungara todos eles. E por aí saía falando essas coisas, inventando, lançando perjúrios, numa cisma grande.

A grande ojeriza dela era por achar que o sobrinho tinha se desencaminhado na vida por causa desses seus amigos, seus "falsos amigos", como ela dizia. Logo ele, seu sobrinho querido, "a luz de seus olhos, a razão de seus dias", um "menino tão perfeito que só tinha o defeito de gostar desse bando de gente excomungada que deveria era mandar prender e não ficar de prosa".

O juiz ficava chateado e constrangido com tudo aquilo e as bobagens que ela dizia, mas há muito já tinha desistido de fazer a tia raciocinar sobre seja lá o que fosse. Quando aquela velha punha uma coisa na cabeça, não havia jeito de tirar, isso era coisa que ele tivera de aprender desde cedo.

Pois, agora, veja a ironia da vida: de tanto a velha falar, quem saiu mais prejudicado foi o sobrinho, "a luz dos olhos" dela. Os

inimigos do juiz aproveitaram justamente a falação da tia como prova do envolvimento do juiz com os comunistas e tanto fizeram que conseguiram convencer os poderosos do Estado a transferi-lo para outra cidade, bem longe.

Pobrezinho dele e da mulher, porque os dois tinham suas raízes, amavam essa cidade, queriam que os filhos crescessem aqui.

Mas perseguição política é assim. E naquele tempo esse pessoal tinha era muita força. Na verdade, até se pode agradecer não terem mandado tocaiar e matar o moço, em vez de apenas obrigar sua transferência para outra cidade.

A danada da velha, então, quase morreu de tristeza e arrependimento. Mas aí não havia mais jeito, o mal já estava feito.

E morreu só, a irmã havia morrido antes, sem o "sobrinho perfeito" e os lindos filhos dele que nasceram e cresceram em outra cidade, e quase nunca apareciam por aqui porque era distante demais.

Agora, aprender que é bom, você acha que ela aprendeu? Que nada!

Morreu sozinha e triste, botando a culpa nos comunistas e esconjurando todos eles por terem levado pra tão longe a "razão da vida" dela.

A BANDA DE MÚSICA E SUA PADROEIRA



Uma das coisas que essa cidade tem de bonito é sua banda, a banda de Nossa Senhora Desatadora de Nós.

É uma banda muito antiga, porque o povo daqui sempre gostou de música. A cidade já teve músicos ilustres, compositores de valsas, dobrados, polcas e peças sacras, missas inteiras.

Hoje, a banda toca menos, mas naquela época tocava em todas as festas da igreja, quermesses, procissões e nas missas de domingo. Tocava também nas festas boas da cidade. E ensaiava todo dia, chovesse ou brilhasse o sol.

Como ia passando de pai pra filho, de avô pra neto, parecia uma banda eterna. Eram famílias inteiras de músicos, todos tocando juntos, uma beleza.

Veja, por exemplo, a família de seu Jerônimo, um dos grandes músicos que a cidade teve. Ele compunha que era uma maravilha, e dos seus filhos, vários também tinham o dom da música, cantavam, tocavam e compunham. Um deles foi um mestre do violino. Tocou até na hora de morrer, com seus mais de 90 anos. E hoje tem neto dele, quer dizer, bisneto de Sô Jerônimo, tocando nas melhores orquestras sinfônicas do país. Tem bisneto dele tocando até nos Estados Unidos, sim senhora.

Pois então, essa banda desde que começou nunca acabou. Entra ano e sai ano, e ela aí, firme. E como são quase todos bisnetos ou trinnetos dos fundadores, os traços de cada família permanecem, e quando se olha assim, de relance, parece que os músicos continuam os mesmos. Tem gente que diz que isso é quase um milagre da Santa Padroeira, que gosta tanto de seus músicos fundadores que, além de não deixar sua banda acabar, também não a deixa ficar muito diferente.

Curioso, não é? Nunca vi contar de uma banda assim, que foi passando de pai pra filho. Deve ter em outro lugar, mas eu só conheço essa.

Contam também que a Padroeira já fez vários milagres para proteger sua banda.

Como no dia do grande estouro da boiada de seu Nicanor.

Era uma manhã de domingo de começo de inverno. A missa acabara, mas a bandinha resolveu continuar tocando ao ar livre, na praça da Matriz, e o povo se juntou ao redor. O arzinho ameno, o sol brilhando amigável no céu sem nuvens, de azul puríssimo, pássaros voando em volta das árvores, acompanhando o som da banda, crianças brincando por ali, era uma cidade em paz.

Nisso, algumas coisas erradas começaram a acontecer.

Primeiro, a boiada de seu Nicanor, boiada grande, entrou na cidade, sem que os vaqueiros batedores viessem na frente avisar que passariam por ali. Depois que tudo aconteceu, ninguém soube explicar por que o encarregado de comandar a tropa não cuidou direito de coisa tão importante. Mas o fato é que não cuidou e a boiada entrou cidade adentro sem aviso.

Segundo, geralmente as boiadas, quando passam por uma cidade, seguem um trajeto o mais possível em linha reta, entrando e saindo pela mesma rua, de uma ponta a outra, para não complicar muito as coisas. Portanto, nunca passam pela rua da praça. Daquela vez, no entanto, a boiada virou justamente nessa rua.

E terceiro, o pior de tudo: alguma coisa aconteceu no exato momento em que ela virava para entrar na rua da praça e pro-

vocou o estouro. Um estouro de boiada, você sabe, é coisa perigosíssima que acontece quando a boiada se assusta com bicho ou algo incompreensível pra ela. Entra em pânico, e o terror de uma vaquinha passa para outra, contagiante, em cadeia.

De repente, vacas que a vida inteira foram mansinhas se apavoram e saem correndo, que nem loucas, chifrando o que encontram na frente. Incontroláveis. Vaquinhas que um segundo atrás vinham pacíficas, ruminantes, alheias no mundinho lá delas, num estalo ficam possuídas, tentando fugir, tentando escapar, sem noção do que se põem a fazer.

É uma coisa espantosa. Uma força da natureza. Um desastre. Dentro de uma cidade, então, é pólvora pura.

Jogam-se de encontro às portas e muros, chifram árvores, charretes, carroças, o que encontram pela frente na tentativa de abrir caminho. Quem já viu algo assim, reza pra todos os santos pra nunca mais ver.

E de repente, então, aquela boiada vinha enfurecida no começo da rua que passava justo pela praça.

Meu Divino Padre Eterno!

Nessas horas, parece que o mundo congela. Todo mundo parado ali, em volta da banda, pois tempo pra correr e se abrigar ninguém tinha. Felizmente, as crianças tinham acabado de entrar na igreja para o catecismo dos domingos. Só os adultos continuavam na praça.

Mas adulto tampouco merece morrer assim, e ali era a morte certa vindo ao encontro deles, enfurecida, desabalada, sem dar chance nenhuma a ninguém. Morrer esmagado e chifrado pelo furor de uma boiada ensandecida é morte horrorosa demais.

Foi então, dizem, que aconteceu o milagre.

Um dos músicos pegou o estandarte da Padroeira e o levantou pro céu. Nesse exato instante, a boiada se abriu em duas, desembestando prum lado e pro outro da praça.

Você não acredita?

Pois pode acreditar que aconteceu mesmo. Não dá para explicar, mas aconteceu.

E nesse dia só um vaqueiro morreu, e três ficaram feridos. O povo da cidade saiu intacto. Intacto e convicto de que o estandarte da Padroeira da Banda é que fizera o milagre.

Esse estandarte é mesmo uma maravilha. Tem a imagem da Virgem Maria aparecendo como se pairasse entre o céu e a terra, banhada pelas luzes que o Espírito Santo derramou sobre ela. Doze estrelas resplandecentes coroam sua cabeça e seu vestido é longo e alaranjado, e seu manto belíssimo, azul e esvoaçante, no movimento que representa sua glória. Nos pés, Maria esmaga a cabeça de uma serpente, símbolo das forças do mal. De suas mãos, pende uma faixa de nós que ela desata, um a um, e que são os nós de nossas aflições e angústias, dos males que nos escravizam.

Dizem que esse estandarte foi um escravo que pintou, copiando à sua maneira uma gravura de um quadro alemão que o padre-vigário daquele tempo, um santo esse vigário, e muito culto e também músico – adorava.

Até hoje é o mesmo estandarte da banda, um tanto desbotado porque foi pintado no pano, mas ainda bonito demais.

O outro milagre desse estandarte foi o da enchente.

O caso é que a banda, sendo excelente como era, a melhor que o pessoal da redondeza já ouvira tocar, via-se muito requisitada pra tocar nas festas de outras cidades. Às vezes, os músicos viajavam dois, três dias a cavalo para tocar na missa da padroeira de outro lugar, ou tocar num casamento, ou mesmo numa festa mundana qualquer. Fosse festa importante, eles eram chamados.

Quem ia nessas viagens, contava que era uma coisa bonita de ver, pois de vez em quando a banda parava e tocava. Ou na casa de alguém à beira da estrada, ou à margem de um riacho bonito, ou à sombra de um bosque. Ou às vezes era um deles que tirava seu instrumento e, mesmo sentado em seu cavalo, começava a tocar, e logo outro começava a acompanhar, e outro e mais outro, e quando se via estava todo mundo tocando e os cavalos trotando.

O povo que morava na beira da estrada vinha ver e acompanhar. Uma beleza.

Pois dizem que um dia iam assim, nessa viagem alegre, e não perceberam uma enchente que vinha das cabeceiras do rio que estavam atravessando. Não chovera nem uma gota d'água no caminho deles, portanto ninguém se deu conta do perigo que se aproximava. Às vezes acontece dessas enchentes traiçoeiras, quando cai uma tromba-d'água em lugar afastado e a água vem que vem, numa fúria danada, não querendo nem saber do que está em seu caminho.

Foi isso que aconteceu naquele dia. Eles atravessando o rio naquela cantoria e a enchente, senhora esbravejante das águas, chegando.

E agora vou lhe contar como me contaram. Foi só o cavalo do último deles, o que tinha ficado na rabeira, levantar a pata pra subir na margem do rio, que aquele estrondão de água chegou com sua força toda. Eles tiveram só o susto de olhar pra trás e sentir o respingar da água furiosa passando.

E justamente o último músico, o da rabeira, era o que estava levando o estandarte da santa.

Que coisa, não é?

Milagre ou não, é uma história bonita. Por isso é que gosto de contá-la.

Agora, se você visse um retrato, daqueles antigos, da primeira banda, e comparasse com o da banda hoje, veria que parece o mesmo grupo de músicos.

E isso eu conto não por ouvir dizer, mas por ter visto com meus próprios olhos. Qualquer um pode ver e comparar.

Agora me diz, não é curioso?

VIDA DE MÉDICO JOVEM



Mas voltando à roda dos comunistas, estou me lembrando que um deles era um jovem médico que chegou aqui recém-formado.

Aquele pessoal da roda era tão bom de prosa que acontecia assim: o médico e o farmacêutico ficavam conversando na porta da farmácia até começarem a achar que já estava ficando tarde. Aí o médico se despedia, mas o farmacêutico resolvia acompanhá-lo até sua casa, na outra rua, pra continuar um pouco mais o papo. Chegando lá, a prosa continuava, e quando o farmacêutico decidia se despedir, era a vez do médico resolver acompanhá-lo de volta até a porta da farmácia.

E ficavam nesse vaivém até altas horas, quando então uma das esposas decidia dar um basta naquele papo todo e fazia o marido entrar e se despedir pra valer do amigo, pelo menos por aquela noite.

Mas esse médico tinha mesmo muita coisa pra contar.

Ele saía a cavalo por aí tudo, cuidando dos doentes, ensinando a evitar as moléstias que podiam ser evitadas, combatendo a muita ignorância que existia. Vendo coisas que até Deus duvida.

Teve um caso, inclusive, que ficou famoso, o das três crianças que morreram de tifo. Ele não pôde salvar as crianças, por-

que foi chamado quando elas já estavam mortas, mas evitou que a epidemia se alastrasse e não deixou que o pai das crianças matasse um casal de americanos, imagine!, a quem estava culpando pela morte das filhas.

Esse casal de americanos tinha aparecido por aqui por conta de uma estrada que eles pretendiam fazer – isso foi na época que as estradas na região quase não existiam e, quando existiam, eram muito ruins.

A mulher era atriz de Hollywood, e dizem que largara a vida boa pra se aventurar por esse país desconhecido, ao lado do marido, que adorava uma novidade. Tem gente pra tudo nesse mundo, é o que sempre digo! Decerto, eles queriam ser como os *cowboys* de antigamente e, como no oeste do país deles não tinha mais terras pra desbravar, resolveram vir desbravar as terras do oeste do nosso.

E quando a gente fala assim, “atriz de Hollywood”, todo mundo pensa que ela devia ser muito bonita, não é? Mas não. Era só grande: alta, ossos largos, bem diferente das mulheres daqui, além de louríssima! E o marido, então, esse era enorme, branquelão, todo avermelhado, dava pra ver de longe ele chegando.

Mas eram gente boa, não estou falando mal deles, não.

Só eram um pouco enxeridos também, sabe como é? Metiam o nariz onde não eram chamados, às vezes querendo ajudar, outras vezes querendo mostrar que o jeito deles era melhor, e por conta disso acabavam se metendo em encrencas.

No caso dessas mortes, a intenção deles era a melhor do mundo, pois acharam que podiam ajudar quando viram que as crianças doentes e fracas, consumidas pela febre como estavam, não podiam comer aquele tanto de comida que os vizinhos vinham oferecer. Havia esse costume, na época: quando alguém ficava muito doente, os vizinhos e parentes vinham visitar, cada um trazendo uma comidinha especial e todos fazendo questão que o doente provasse de tudo. As três crianças, queimando de febre, eram obrigadas a comer como nunca haviam comido nem quando estavam saudáveis.

Os americanos, vendo aquilo, proibiram a entrada dos vizinhos e ficaram ali ao pé das doentinhas, só dando água e passando compressa pra febre ceder. Passaram assim a noite toda, a febre cedeu, e o casal então foi descansar um pouco, no paiol, ao lado da casa que era de família muito pobre.

Pois nessa hora, não só os vizinhos aproveitaram para dar até carne de porco e feijão pras meninas, como apareceu também uma velha, trazendo três unhas de tatu, dizendo que chá com aquelas unhas era bom pra fortalecer.

Minha Nossa Senhora!

Tatu é um dos bichos mais sujos que existe, comedor de carne podre, e suas unhas ficam cheias de imundície. E não é que deixaram a tal da velha dar esse chá pras crianças que, é claro, no dia seguinte não tiveram escapatória: amanheceram mortinhas.

Foi um deus nos acuda!

O pai, desesperado, botou a culpa nos americanos, achando que as filhas tinham morrido de fraqueza causada pela fome que o casal obrigara as coitadinhas a passar. Prendeu marido e mulher no paiol e já estava preparando a garrucha, na ira cega de matá-los, quando chega o médico, que alguém fora chamar, tarde demais para salvar as crianças, mas ainda a tempo de evitar desgraceira maior.

O médico examinou as defuntinhas, fez uma análise, e viu logo do que elas haviam morrido. Ensinou o povo da vizinhança a ferver a água e a fazer tudo o que tinha que fazer para que a epidemia não se alastrasse e mais gente morresse. Explicou direitinho porque nunca, nunca mesmo, alguém podia tomar chá feito com unhas de animal como o tatu. Mostrou com toda paciência pro pai desesperado que os americanos não tinham culpa de nada. Tinham tentado ajudar com a maior boa-fé, mereciam era agradecimento e não chumbo no couro.

Mas era assim naquele tempo. O povo sofria demais. E médico, se fosse bom, tinha que passar grande parte do seu tempo ensinando o bê-á-bá de como prevenir várias doenças, pois era miséria que não acabava mais.

Agora, vida de médico também não era só dureza; tinha lá seu tempo pras coisas do coração. Quando chegou aqui, esse médico era jovem, bonitão toda a vida e fazia um sucesso danado; passou a ser disputado por todas as mocinhas casadoiras. Um partido e tanto!

Imagine que ele teve a ideia de montar um curso de inglês na cidade, pois achava que no mundo de hoje era importante aprender outra língua. Como tinha aprendido sozinho o inglês, inventou de abrir um curso noturno para ensinar o que sabia e, ao ensinar, continuar aprendendo. E isso foi muito antes daquele casal de americanos aparecer por essas bandas.

Era mesmo danado! Só não sabia o que era uma cidade de interior com moças para casar.

No dia da matrícula, as vagas foram preenchidas quase na hora, mas só por moças solteiras, tanto as que foram por conta própria quanto as que foram mandadas pelas mães. Ele ficou todo eufórico, achando que com tanta procura o curso teria mais sucesso do que imaginara.

Durou pouquíssimo essa euforia.

Uma das alunas era uma morena de cabelos negros ondulados, grandes olhos castanho-esverdeados, sorriso aberto no rosto, e a alegria constante daquele tipo raro de pessoa capaz de reconhecer que a vida é um presente maravilhoso. Por onde passava, chamava a atenção pela beleza e alegria.

Como chamou a atenção dos olhos do jovem professor, que logo a escolheram como lugar preferido de pouso. Não demorou muito para começarem os dois um namoro com destino fácil: casamento.

As outras alunas, vendo morrer a esperança, foram investir o tempo e os encantos em outra freguesia, e o curso se esvaziou da noite pro dia.

Só que o professor e sua aluna preferida nem perceberam o vazio da sala.

A moça chegou, como sempre, toda sorriso, e se sentou na primeira fila. O professor, enfeitiçado, não deu a menor importân-

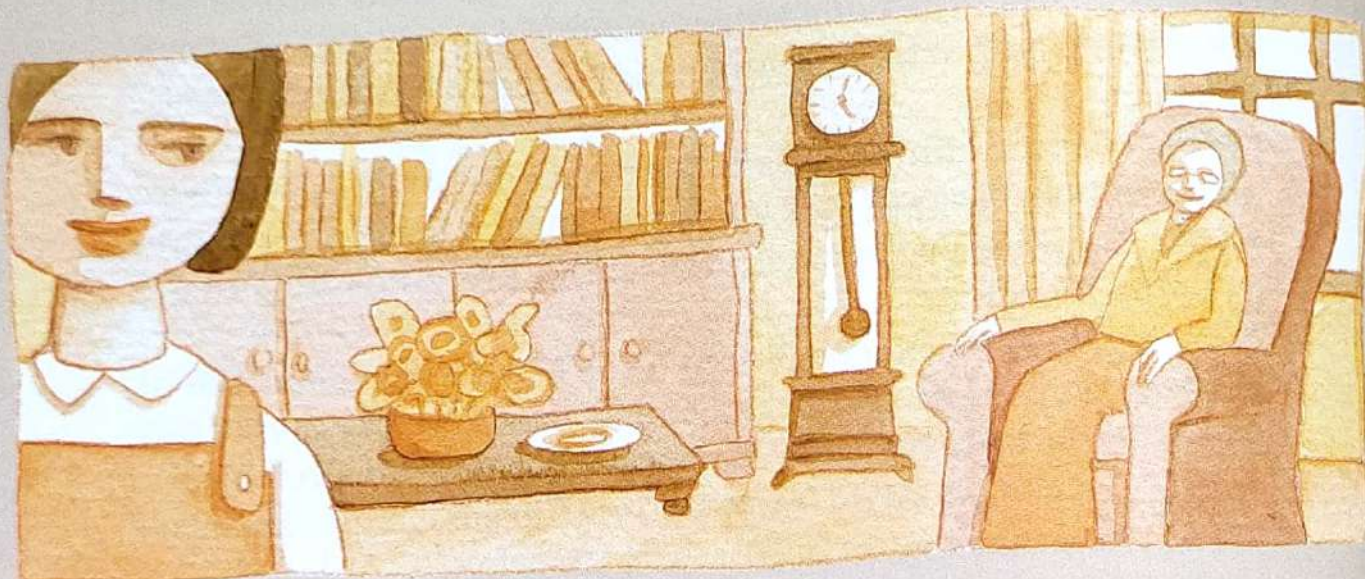
cia ao ver que a única cadeira ocupada era a dela, e caprichou na aula, uma aula que de repente se tornou a mais interessante do mundo, iluminada de subentendidos e graça, toda pequena palavrinha adquirindo significados inesperados e interessantíssimos.

Mas foi uma aula só. Pois quem viu muito bem o falatório que aula tão interessante poderia provocar foi a mãe da moça, que, no dia seguinte, encerrou de vez o curso, proibindo a agora única aluna de voltar.

O médico nunca soube direito o que aconteceu. Achou que desinteresse tão repentino só podia ter como causa seus improvisados métodos pedagógicos – afinal, era médico e não professor – e desistiu para sempre do *hobby* noturno do ensino de línguas.

Poucos meses depois aconteceu o casório.

O QUE ACONTECEU NA CASA DA SUA AVÓ



Outro dia eu estava pensando nos tempos áureos da casa da sua avó.

Tempos em que a casa vivia cheia de gente, adultos e crianças, e dona Hilária sentava-se na cadeira de espaldar comprido, onde só ela sentava, e recebia as visitas, contava os casos, resolvia os problemas.

A sala de estar, além da cadeirona, tinha um relógio muito bonito de parede, a cristaleira, a mesa, a estante e um grande rádio, tipo console, onde se escutavam as novelas e a *Hora do Brasil*.

O corredor comprido, de tábuas corridas, dava para os quartos e levava à cozinha, à copa e à varandinha, de onde saía uma escada de cada lado da porta, descendo para o quintal.

A cozinha, com o fogão a lenha e a grande mesa de tábua larga para o café da manhã. Pegada na cozinha, a despensa, que vivia trancada. A chave grande, dessas de porta antiga, oca por dentro, vivia no bolso de dona Hilária: era só ela quem abria e fechava aquela porta.

Sem forro no teto, os quartos ficavam todos ligados um ao outro: o pum que alguém soltava em um quarto escutava-se

pela casa toda. À noite, no silêncio adormecido, os roncos saindo de camas diferentes compunham uma sinfonia que, francamente, era um martírio cruel para o insone. A começar pelo ronco da própria dona Hilária, que, sofrendo de dispneia, deixava a casa toda com o coração na mão quando demorava mais do que o normal pra passar do ronco costumeiro a seu chiado subsequente.

Entre os roncos, no entanto, o silêncio era perfeito.

Foi por isso que todo mundo escutou o barulhão daquela noite. As passadas pelo corredor e o arrastar de correntes.

Parecia que vinha do porão e subia pra sala, e as tábuas chegavam a tremer, como se fosse um terremoto. Um ronco grosso subiu, como um gemido da terra.

Todo mundo acordou. Adultos e crianças. Teve quem ficasse grudado na cama, gelado de medo. Outros quase tiveram uma vertigem.

Dona Hilária, não. Levantou-se, com toda a calma do mundo, pegou o xale e a vela, fez o sinal da cruz e começou a rezar ajoelhada no oratório.

O barulhão durou muito tempo, até quase romper o dia.

Depois, nunca mais.

Teve gente que falou que devia ser a assombração de algum escravo que havia morrido no porão e aparecia uma vez a cada cem anos. Outros falaram que parecia um tremor de terra, que acontece muito em outros países, mas aqui não.

Mas se foi tremor, por que só debaixo da casa de dona Hilária?

Teve gente também que falou que podia ser um pote de ouro enterrado no esteio da casa, pedindo para sair. Mas se existia mesmo esse tesouro, lá está até hoje, porque ninguém foi doido de botar a casa abaixo só por conta dessa falação.

Enfim, esse foi mais um mistério da cidade que ninguém soube explicar.

A única que nunca teve a menor dúvida sobre a causa do espantoso barulho foi a velha que morava com dona Hilária: Ei tinha certeza de que era o diabo vindo castigar a patroa.

Essa velha agregada, chamada Francisca, era surda e meio alienada, aérea, como se dizia. Para chamá-la, Hilária gritava: "Ei...ô Ei...?"

O apelido pegou: todo mundo a chamava assim.

Ei vivia ali desde mocinha, quando chegou bonita, com dezesseis anos, loura de olho azul-claro, tão raro por aqui, mas já surda, com os dois tímpanos arreventados e a boca completamente sem dentes. Ninguém sabia contar como aquilo acontecera, mas com certeza teve algo a ver com o velho padraço com quem morava num rancho, longe da cidade. Mas ela não falava sobre seu passado.

Ficou encarregada da cozinha e fazia um pouco a supervisão da casa.

Tinha aquela voz esquisita e alta, de quem não escuta direito, e vivia contando uns casos engraçados e brigando com sua avó. As duas brigavam o tempo inteiro. Entremeavam o dia com um teatro de brigas e xingamentos, numa versão daquele tipo de relação de amor e ódio que sempre houve, desde que o mundo é mundo.

O assunto exclusivo das conversas de Ei era falar mal de dona Hilária, a quem não chamava de dona, como se não fosse a patroa e sim uma amiga.

"Tá vendo esse roxo? Foi um beliscão que Hilária me deu. O padre já falou que ela vai direto pro inferno."

"Hilária tá ficando louca. Viu o que ela fez? Mandou ferver o leite, mas o leite já tava talhado. Ela vai pro inferno, o padre já disse."

"Hilária ficou louca. O padre falou hoje na missa."

Ou inventava doenças graves para a patroa:

"Hilária desmaiou hoje na igreja".

E se lhe perguntavam:

"Quanto tempo ela ficou desmaiada, Ei?"

"Dois quilos e três arrobas, o padre contou. Disse que ela já tá pronta pra morrer."

No entanto, Francisca não conseguia viver longe da patroa. Se alguma das tias a levava para passar uns tempos na Capital,

logo se entristecia, pedindo para voltar, dizendo que tinha que cuidar de Hilária. E quando alguém lhe perguntava:

"Se Hilária gosta tanto de lhe dar beliscão, por que você não vai trabalhar em outra casa? Tem tanta gente que gosta de você, que dá até uns cobres se você for trabalhar pra eles".

Ela nem hesitava pra responder:

"Não posso. Hilária morre se eu for embora. Hilária tá louca".

Dormia no quarto ao lado do da patroa, numa cama antiga, de madeira maciça. Mas certamente não recebia nenhum salário: agregado não tinha salário. Recebia teto, comida, cuidados na doença e na velhice. De qualquer forma, era mais seguro do que a miséria que esperava quem não podia contar com uma família na pobreza. A solidão independente não dava casa nem comida, muito menos trabalho.

Ei adorava receber presentes: ruge, batom, pente para o cabelo. Era fascinada por bolsas velhas – tinha uma coleção que limpava, encerava e lustrava todo domingo, depois da missa.

Sua diversão era se aprontar, passando ruge e batom, para ir à igreja, carregando uma bolsa de sua cada vez maior coleção, guardada à chave no grande baú do quarto. Quando estava de bem com as crianças, abria o baú e as deixava olhar as bolsas velhas mas limpinhas, escovadas, brilhosas como joias peculiares de um tesouro cujo valor só ela sabia avaliar.

Os meninos, ao vê-la se aprontando, gostavam de provocá-la e a chamavam de namorada do padre. Furiosa, Ei saía pisan-do duro, vestida com sua roupa de missa, o ruge como duas ma- çãs bichadas nas rugas da cara, batom vermelho borrado na boca murcha.

Saía nervosa, carregando sua bolsa, e amaldiçoando todos os netos de dona Hilária.

Nas poucas horas de folga, fumava escondido um cachimbo velho, fedorentíssimo, proibido pela patroa. Se dona Hilária a pegasse fumando, quebrava o cachimbo, puxava sua orelha, fa- zia um estardalhaço. Vá explicar por que sua avó, mulher tão boa e caridosa, fazia isso! As coisas que uma pessoa faz, não é

mesmo?, como se algo incontrolável abrisse uma pequena torneirinha no peito e a maldade tivesse que sair de alguma forma, por algum lado.

Esse cachimbo passou a ser um símbolo, uma vitória de Ei sobre a autoridade de Hilária. A conquista que Francisca prezava sobre todas as coisas: era o triunfo de sua vida, o prêmio que desfrutava sozinha, o momento sem preço do dia, quando, depois de todos os trabalhos, das brigas e humilhações, ela encontrava um canto qualquer, escondido mas seu, e pensava sem pensamentos, se dizia sem palavras: apesar de Hilária, apesar desse dia, apesar de tudo, esse é o cachimbo que eu quero fumar e fumo.

Esse cachimbo sou eu.

Depois de pitar, escondia o cachimbo e o rolo de fumo no porão.

Era um porão do tempo dos escravos, o lugar onde supostamente eles dormiam. Abafado, não cabia uma pessoa em pé;



como janelas, umas aberturas pequenas, por onde até a luz tinha que se esforçar para entrar.

Era escuro, cheio de animais, teias de aranhas, tanajuras.

Era o reino de Francisca. Só ela entrava ali. Os outros tinham medo, diziam que o porão era assombrado.

Perto do porão, tinha o poço, de onde Ei puxava os baldes d'água.

Esses poços eram lugares tão feios e soturnos que pareciam também mal-assombrados, mas eram só perigosos, sobretudo pras crianças. Sempre houve casos de crianças caindo em poço por aqui.

No quintal, tinha dois caramanchões de buganvílias vermelhas. E jabuticabeiras, goiabeiras, mangueiras, pé de ata, coqueiros, e duas jaqueiras grandes que davam para a Rua de Trás. A famosa Rua de Trás.

Pois agora vou lhe contar o que aconteceu com a casa, depois da morte de dona Hilária.

Nenhum dos filhos morava na cidade, e a casa ficou meio abandonada, ninguém sabe explicar bem por quê. Uma casa tão boa, tão querida e cheia de vida como sempre foi. Passou uns tempos sem ninguém, e depois foi alugada para uma família: quatro moças mais um velho, que era o pai. Tinham vindo de fora e ninguém conhecia. Mas todo mundo achou que uma família morando na casa, a situação ia melhorar porque iam tomar conta, limpar, tirar o ar de abandono, consertar o que precisasse ser consertado.

Mas qual!

Era aquele desmazelo. Se quebrava uma telha, continuava quebrada. Se

a pintura da parede descascava, continuava descascada. Se alguma goteira começasse a pingar, continuava pingando. Se uma tábua do assoalho quebrasse, continuava quebrada.

Até que um dia aquilo parece que contrariou demais o fantasma da velha Ei, que resolveu pôr um paradeiro em tanto descaso e se apossar da casa. Foi quando a brasa do seu cachimbo começou a aparecer. Uma brasinha acesa, vermelhinha, brasa recém-atçada.

Apareceu, pela primeira vez, na cama de uma das moças. Ela estava dormindo quietinha, no bem-bom da madrugada, quando foi puxar a colcha pra se aconchegar e... ai, ai, ai! Saiu berrendo pela casa, os dedos queimados pela brasinha que já começava a queimar também a colcha.

Foi um susto danado, mas, com a jarra d'água que ficava no seu criado-mudo, ela apagou o fogo no comecinho. Como essa moça gostava de dormir com a janela meio aberta, por causa do namorado, diziam, mas isso agora não vem ao caso, acharam que a brasinha viera de alguma fogueira noturna que alguém tivesse acendido por perto. Não deixava de ser estranho, mas era uma explicação.

Na segunda vez, pouco tempo depois, a brasa apareceu quando as moças estavam jogando baralho. Apareceu de repente, no monte de cartas no meio da mesa. Em um momento, a moça que estava ganhando o jogo olhou o monte e estendeu a mão pra puxar a carta e, no momento seguinte, o que ela puxou foi uma brasa. Foi um grito e um susto e a mesma coisa: a jarra d'água deu conta de apagar o foguinho que começara a queimar a toalha. Dessa vez, porém, em vez de buscarem uma explicação, armaram uma grande briga porque a moça que estava ganhando acusou as irmãs de terem tentado bagunçar o jogo que estavam perdendo.

Na terceira vez, foi quando a família começou realmente a se preocupar. A brasinha apareceu no meio da farinha, na hora do jantar, quando o pai foi se servir. Foi só pegar a farinheira, tirar a tampa e lá estava a brasa vermelha, queimando a farinha, parecendo sorrir pra ele.

O que era aquilo, Deus do céu?

Não tinha como achar uma explicação que desse sentido àquela brasinha obsessiva rondando pela casa. Foi quando alguém se lembrou do cachimbo de Ei e, a partir daí, a coisa só piorou. A brasa começou a aparecer a qualquer hora do dia ou da noite, sem escolher direito o lugar: podia ser dentro de um sapato, na caixinha de rapé, num prato de comida, na compoteira cheia de doces dentro da cristaleira.

Uma coisa horrorosa!

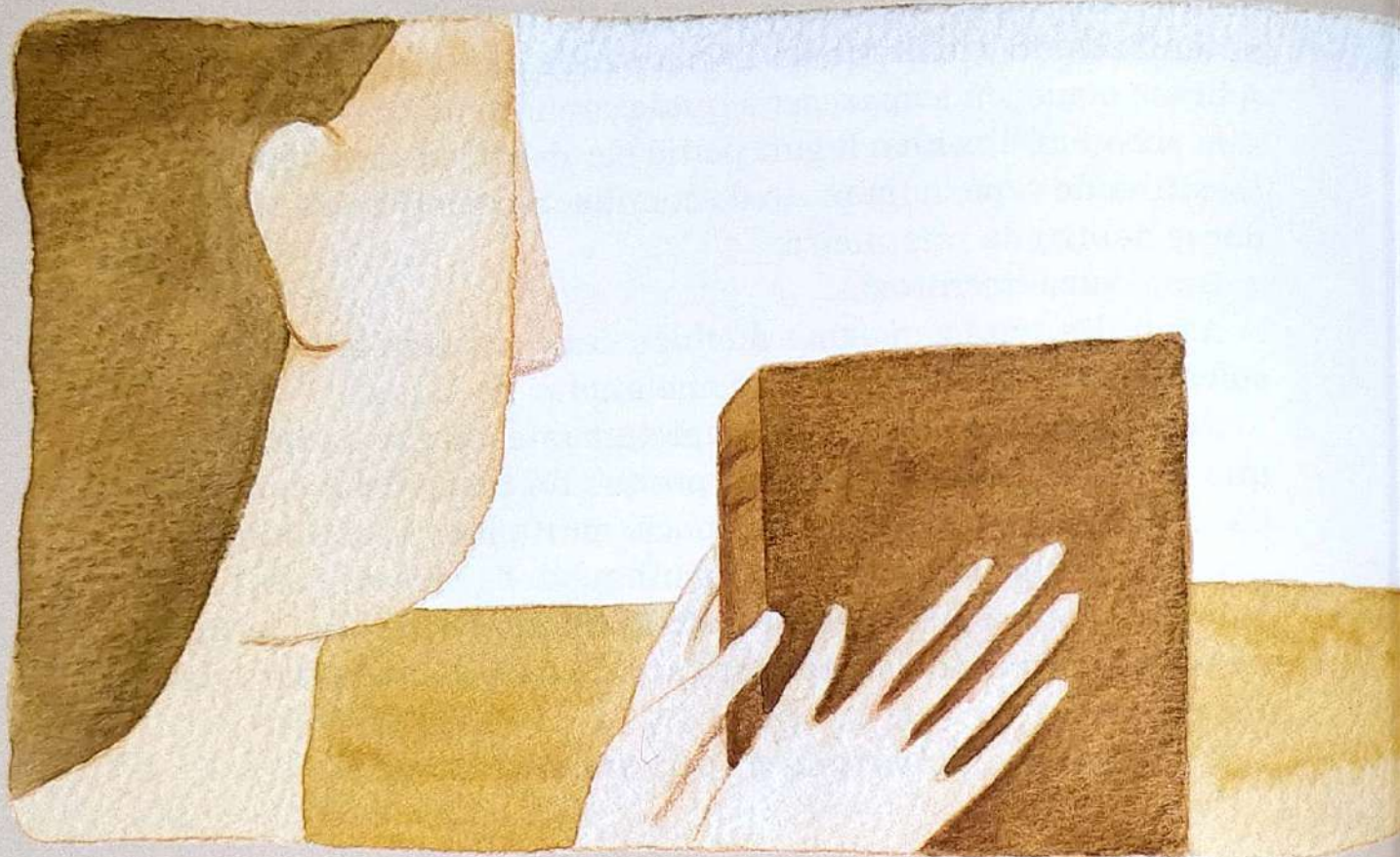
A família, então, não teve dúvidas: fez as malas correndo e resolveu não só mudar de casa como mudar de cidade.

Desde então, a casa ficou completamente abandonada. Dizem que ainda não arruinou de vez porque foi muito bem construída, com o melhor material da época, muito bem escolhido.

Agora, alugar de novo o lugar ninguém se atreve. Pois o que todo mundo diz por aí é que a brasinha do cachimbo de Ei só vai sossegar quando alguém da família de Hilária voltar a cuidar da casa.

É do povo de Hilária que ela tem saudades.

O FINAL



E por enquanto é só.

Amanhã, se vocês quiserem, conto mais.

Porque esses casos não acabam nunca. Enquanto a gente for vivendo, os casos vão acontecendo, um emendando no outro.

Mesmo hoje, quando essa cidade está tão diferente, as portas das casas não ficam mais abertas, as crianças que brincam nas ruas são menores abandonados, e no final do dia quem conta mais casos é a tevê.

Mesmo assim, ainda tem gente que gosta dessas histórias com seu pé no mistério, no fantástico, no maravilhoso.

Eu tenho pra mim que é importante juntar o tempo de agora com esse tempo de antes. Conseguir ganhar o que o progresso tem de bom sem perder o bom que o passado teve. Enriquecer culturalmente, como se diz.



Quem sabe um dia o homem consegue isso? Modernizar sem destruir; progredir e preservar. Somar sabedorias e jeitos de ver o mundo e não diminuir.

Ter a tevê, o vídeo, o que o homem cria de novo, sem perder o que ele criou no passado, como essas histórias acontecidas ou inventadas há tanto tempo, e contadas de geração em geração.

Mesmo quando eu morrer, os casos vão continuar, enquanto tiver gente vivendo e coisas acontecendo pra se contar.

Agora, por exemplo, vou ter um novo caso, o do seu livro, tá vendo? Vou contar como a neta de dona Hilária escreveu num livro os casos da cidade. Contou os que sabia e inventou os outros.

E por aí vai, é assim.

É ir contando e inventando, como a vida no mundo: não tem fim.

Sobre a autora

Maria José Silveira é formada em Comunicação pela Universidade de Brasília, em Antropologia pela Universidad Mayor de San Marcos (Lima, Peru), com mestrado em Ciências Políticas pela USP.

Começou a escrever para crianças na *Revista do Sítio do Picapau Amarelo*.

Em 1980, fundou a Editora Marco Zero, da qual foi diretora até 1998.

Publicou três romances para adultos e dois livros infantojuvenis. Tem vários livros no prelo.

É casada com Felipe, mãe de José Gabriel e Galiana, e avó da Laura.

Nasceu em Jaraguá, Goiás. Morou em Goiânia, Brasília, Lima (Peru) e Rio de Janeiro. Atualmente, mora em São Paulo.

Livros já publicados:

Romances:

A Mãe da Mãe de sua Mãe e suas Filhas, editora Globo.

Eleanor Marx, filha de Karl, W11 Editores.

O Fantasma de Luís Buñuel, Francis/W11 Editores.

Infantojuvenil:

Tendy e Jã-jã e Os dois Mundos (Coleção Meninos e Meninas do Brasil), editora Formato.

Iamê e Manuel Diogo nos Campos de Piratininga (Coleção Meninos e Meninas do Brasil), editora Formato.

No prelo:

Ana Preciosa e Manuelim na Terra do Ouro, editora Formato.

Brasília e João Dimas no Caldeirão da Santa, editora Formato.

Floriana e Zé Aníbal no Rio do "Bota-Abaixo", editora Formato.

No Reino dos Ossos Brancos, editora Callis.

Sobre a ilustradora

Maria Eugênia é colaboradora da *Folha de S.Paulo*, onde ilustra as colunas de Nina Horta e Danuza Leão. Já ilustrou mais de 50 livros para crianças e para adultos, entre eles *Nas ruas do Brás* (Cia. das Letrinhas), que em 2001 recebeu o "Bologna Ragazzi Award".

Seus livros e ilustrações já participaram de várias feiras e exposições no Brasil e também na Eslováquia, Itália, Colômbia, República Sérvia e Coreia. Atualmente desenha uma linha de cartões para o Canadá e os Estados Unidos. Em 2004, foi selecionada para a exposição de ilustradores da Feira de Bologna.

Copyright © Maria José Silveira, 2002
Todos os direitos reservados à
EDITORA FTD S.A.
Rua Rui Barbosa, 156 (Bela Vista) São Paulo - SP
CEP 01326-010 - Tel. (0-XX-11) 3598-6000
Caixa Postal 65149 - CEP da Caixa Postal 01390-970
Internet: www.ftd.com.br
E-mail: projetos@ftd.com.br

Editora

Maria Esther Nejm

Editora de Arte

Adelaide Carolina Cerutti

Projeto gráfico e capa

Daniel Kondo

Ilustrações

Maria Eugênia

Diagramação

Kélia Cristina Botta

Márcia Muniz da Mata Cozzo

Editoreção eletrônica

Coordenação

Carlos Rizzi

Reginaldo Soares Damasceno

Finalização

Andréa Wolff Gowdak Noto

Eziquiel Rchetti

Vânia Aparecida Maia de Oliveira

Organizadora da coleção

Heloisa Prieto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silveira, Maria José

Uma cidade de carne e osso : casos do interior / Maria José Silveira ; ilustrado por Maria Eugênia. - São Paulo : FTD, 2004. - (Coleção há casos)

1. Literatura infantojuvenil I. Eugênia, Maria. II. Título. III. Série.

04-1287

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Casos do interior : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Casos do interior : Literatura juvenil 028.5

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
Avenida Antonio Bardella, 300
Fone: (0-XX-11) 3545-8600 e Fax: (0-XX-11) 2412-5375
07220-020 GUARULHOS (SP)

Por acaso você conhece um bom caso de terror?

Um caso de família secreto?

Um terrível caso de polícia?

Um caso de índio que nos faz pensar?

Um caso de humor que dá vontade de rir sem parar?

Aventura, sonho, suspense e o acaso.

Estes são os elementos da coleção *Há casos*, criada de "caso pensado", para que você, leitor, tenha um longo caso de amor com a leitura.

COLEÇÃO HÁ CASOS

32 – Heloisa Prieto

CASOS DE AMOR

A casa – Mirna Pinsky

CASOS DE FAMÍLIA

Manual de desculpas esfarrapadas – Leo Cunha

CASOS DE HUMOR

Um estranho sonho de futuro – Daniel Munduruku

CASOS DE ÍNDIO

Entre vida e morte – Fernando Bonassi

CASOS DE POLÍCIA



13404805